

Centro Universitário de Goiás Uni-ANHANGUERA
Coordenação do Curso de Medicina Veterinária



I SAMVET

I SEMANA ACADÊMICA DE
MEDICINA VETERINÁRIA
DO UNI-ANHANGUERA
19 a 21/09/2019

ANAIS

2019



ANAIIS

I SEMANA ACADÊMICA DE
MEDICINA VETERINÁRIA DO
UNI-ANHANGUERA "SAÚDE
ÚNICA".

Apoio:

Pró- Reitoria de Ensino Presencial

Realização:

Coordenação do Curso de Medicina
Veterinária

Hugo Delleon Silva

Claudiane Marques Ferreira

Danilo Resende e Silva

Jandra Pacheco dos Santos

Organizadores:

Josefa Moreira do Nascimento-Rocha

Lidiana Candida Piveta

Marisa Amaral

Polyana Borges Silva

Ronaldo Alves Pereira Junior

Jandra Pacheco dos Santos

Revisores:

Josefa Moreira do Nascimento-Rocha

Lidiana Candida Piveta

ANAIIS

I SEMANA ACADÊMICA DE MEDICINA VETERINÁRIA DO UNI-ANHANGUERA
“SAÚDE ÚNICA”.

Ficha Catalográfica

S471a Semana Acadêmica de Medicina Veterinária do Uni-Goiás (1. : 2019 : Goiânia, Go)

Anais da 1ª Semana Acadêmica de Medicina Veterinária do Uni-Goiás “Saúde Única” de 19 a 21 de novembro de 2019 [recurso eletrônico] / Hugo Delleon Silva (Org.) ; Josefa Moreira do Nascimento Rocha (Revisor) ... [et al.]. – Goiânia: Associação Goiana de Ensino, 2019.

61 p. : il.

ISBN: 978-65-00-07379-9

1. Medicina Veterinária. 2. Saúde. 3. Epidemiologia I. Título. II. Silva, Hugo Delleon. III. Rocha, Josefa Moreira do Nascimento.

CDU 619

APRESENTAÇÃO

A Iniciação Científica é um instrumento que permite conduzir os estudantes à pesquisa científica. É a possibilidade de condicionar o acadêmico desde os primeiros semestres, a interessar-se pela atividade científica e engajá-lo na pesquisa. Nesta perspectiva, a elaboração de relatórios científicos envolvendo estudos de caso, revisões de literatura ou até mesmo os ensaios científicos, caracterizam-se como instrumentos de apoio teórico e metodológico constituindo um canal adequado de auxílio para a formação de uma nova mentalidade para o futuro profissional.

O aprendizado baseado na interpretação de casos clínicos ou de notações científicas se caracterizam como uma importante metodologia para habilitar o estudante de Graduação em Medicina Veterinária para a resolução problemas inerentes ao seu campo de atuação profissional. A proposta da geração de competências, habilidades e atitudes durante todo o período da graduação exige, dentro do ponto de vista da formação acadêmica, uma formação continuada desde os primeiros períodos envolvendo um treinamento constante, intensivo e supervisionado.

A Semana Acadêmica do Curso de Medicina Veterinária do Uni-ANHANGUERA, não é uma atividade eventual ou esporádica e isso permite tratá-la em igual importância a todas as outras atividades curriculares do Bacharelado. Nesse sentido, é fundamental registrar e divulgar os produtos gerados a partir dos estudos de caso, a fim de estimular o senso crítico, construtivo, interpretativo e decisivo para cooperar na tomada de decisão dos futuros profissionais com o perfil proposto pelas diretrizes curriculares e projeto pedagógico deste curso.

Em síntese, o Anais contendo as produções científicas submetidas a apresentação pública durante a I SAMVET, pode ser definido como um destes instrumentos de formação acadêmica.

Os organizadores.

SUMÁRIO

ABORDAGEM CIRÚRGICA DO COLAPSO DE TRAQUEIA COM REALIZAÇÃO DO IMPLANTE EXTRALUMINAL – RELATO DO CASO	7
ABREU, MATHEUS RODRIGUES DE ¹ , SILVA, MIRLAINY VALÉRIA FERREIRA DA ¹ , AMORIM, ANA BRÍGIDA RIBEIRO ¹ , ARAUJO, TAISA FARIA ¹ , FERREIRA, KAMILA DIAS ²	7
ACUMULADORES DE ANIMAIS: UM RISCO EM POTENCIAL À SAÚDE ÚNICA	9
OLIVEIRA, LARISSA SILVA DE ¹ , FREITA, LORRANE SILVA RIBEIRO DE ¹ , PIRES, MARINA VALERIANO ¹ , PEREIRA-JUNIOR, RONALDO ALVES ² ...	9
ANIMAIS SILVESTRES VÍTIMAS DE ATROPELAMENTOS	11
SILVA, ANA BEATRIZ CARDOSO DA ¹ ; SILVA, ISADORA SOUZA SANTOS ¹ ; AMARAL, MARISA COSTA ²	11
AUTOMEDICAÇÃO EM ANIMAIS DOMÉSTICOS	15
SOUZA, ELIZANA BRAGA DE ¹ ; SOUZA, GABRIELLA DE MORAES ¹ ; PALHANO, GABRIELLA AGUIAR ¹ ; ANDRADE, JOÃO VICTOR RODRIGUES ¹ ; ZORZI, JULIANA DE ¹ ; CARMO, STÉPHANIE DE SOUZA ¹ ; AMARAL, MARISA COSTA ²	15
AVALIAÇÃO DO USO DA TÉCNICA DE OSTEOTOMIA DE NIVELAMENTO DO PLATÔ TIBIAL (TPLO) PARA CORREÇÃO DA INSTABILIDADE DO LIGAMENTO CRUZADO CRANIAL - RELATO DE CASO	19
ABREU, MATHEUS RODRIGUES DE ¹ , SILVA, MIRLAINY VALÉRIA FERREIRA DA ¹ , AMORIM, ANA BRÍGIDA RIBEIRO ¹ , ARAUJO, TAISA FARIA ¹ , FERREIRA, KAMILA DIAS ²	19
BEM ESTAR DOS CÃES DOMÉSTICOS.....	22
SANTOS, ANGÉLICA FRANCISCA RESENDE DOS ¹ ; LEMOS, BRUNA FORTUNA CAMILO ¹ ; MARTINS, KATIANY RONELLY ¹ ; OLIVEIRA, MICHELLE CRISTINA MOREIRA DE ¹ ; AMARAL, MARISA COSTA ²	22
CÃO COM SIALOCELES MANDIBULAR: RELATO DE CASO	26
OLIVEIRA, LARISSA SILVA DE ¹ , MARTINS, ISADORA RIBEIRO ¹ , FREITA, LORRANE SILVA RIBEIRO DE ¹ , OLIVEIRA, LUCIANA NAVES FONSECA ¹ , PIRES, MARINA VALERIANO ¹ , SILVA, DANILO REZENDE ² , PIVETA, LIDIANA CÂNDIDA ²	26
DEMODICOSE GENERALIZADA EM CÃO DA RAÇA SHITZU: RELATO DE CASO	29
OLIVEIRA, LARISSA SILVA DE ¹ , FREITA, LORRANE SILVA RIBEIRO DE ¹ , OLIVEIRA, LUCIANA NAVES FONSECA ¹ , PIRES, MARINA VALERIANO ¹ , PIVETA, LIDIANA CÂNDIDA ²	29
DISPLASIA COXOFEMORAL GRAU IV EM CÃES - RELATO DO CASO.....	31
ABREU, MATHEUS RODRIGUES DE ¹ , SILVA, MIRLAINY VALÉRIA FERREIRA DA ¹ , AMORIM, ANA BRÍGIDA RIBEIRO ¹ , ARAUJO, TAISA FARIA ¹ , FERREIRA, KAMILA DIAS ²	31
DOENÇA PERIODONTAL EM CADELA: RELATO DE CASO.....	33
FREITA, LORRANE SILVA RIBEIRO DE ¹ , OLIVEIRA, LARISSA SILVA DE ¹ , OLIVEIRA, LUCIANA NAVES FONSECA ¹ , PIRES, MARINA VALERIANO ¹ , PIVETA, LIDIANA CANDIDA 2.	33
EQUOTERAPIA NO TRATAMENTO DE DOENÇAS	35
SOUZA, ANA CLARA MOREIRA DE ¹ ; MIRANDA, ANA ELISA MATIAS ¹ ; FULLIN, ANJESSICA LOPES ¹ ; SILVA, GABRIELLA WOLNEY ¹ ; LIMA, LUIS FELIPE VERAS ¹ ; AMARAL, MARISA COSTA ²	35
ANDE. ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA. DISPONÍVEL EM HTTP://EQUOTERAPIA.ORG.BR/ARTICLES/INDEX/ARTICLES_LIST/138/81/0. GRANJA DO TORTO LAGO NORTE, BRASÍLIA-DF, 2011	38
AQUINO, F. J. M. AVALIAÇÃO DOS PADRÕES DE MARCHA E POSTURA CORPORAL DOS PRATICANTES DE EQUOTERAPIA COM PARALISIA CEREBRAL. 2007.....	38
BROOM, D.M; FRASER, A.F. COMPORTAMENTO E BEM-ESTAR DE ANIMAIS DOMÉSTICOS 4ª EDIÇÃO. BARUERI, SÃO PAULO, 2010	38

CHELINI, M. O. M; OTTA. E. TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS: BARUERI, SÃO PAULO, 2016.	38
LEVANTAMENTO REALIZADO PELOS ACADÊMICOS DA FAMA SOBRE UTILIZAÇÃO DE ANTICONCEPCIONAIS EM FÊMEAS NÃO CASTRADAS	38
SILVA, MIRLAINY VALÉRIA FERREIRA DA ¹ , AMORIM, ANA BRÍGIDA RIBEIRO ¹ , ABREU, MATHEUS RODRIGUES DE ¹ , SANTOS, MAGNO OTACÍLIO DAVID FERREIRA ¹ , ARAUJO, TAISA FARIA ¹ , FERREIRA, KAMILA DIAS ²	38
LIPOMA EM CÃES – RELATO DE CASO	39
PIRES, MARINA VALERIANO ¹ , FREITA, LORRANE SILVA RIBEIRO DE ¹ , OLIVEIRA, LARISSA SILVA DE ¹ , OLIVEIRA, LUCIANA NAVES FONSECA ¹ , PIVETA, LIDIANA CANDIDA ²	39
NEONATOLOGIA EQUINA	41
COUTINHO, KAREN GABRIELLE ALVES ¹ ; NUNES, KIMBELY KETLY ALVES ¹ ; LÔBO, LARISSA CARVALHO ¹ ; VIEIRA, YOHANNA KAROLAINE ¹ ; AMARAL, MARISA COSTA ²	41
OS BENEFÍCIOS DA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS (A/TAA) EM AMBIENTE HOSPITALAR	44
ROCHA, LILIANE GOMES ¹ ; SILVA, STEFANY DIOVANA ¹ , SILVA, WARLEY FERNANDES DA ¹ ; CANDIDA, LIDIANA PIVETA ²	44
PALPAÇÃO MAMÁRIA NO DIAGNÓSTICO DE NÓDULOS MAMÁRIOS EM CADELA: RELATO DE CASO	47
FREITAS, LORRANE SILVA RIBEIRO DE ¹ , OLIVEIRA, LARISSA SILVA DE ¹ , OLIVEIRA, LUCIANA NAVES FONSECA ¹ , PIRES, MARINA VALERIANO ¹ , PIVETA, LIDIANA CANDIDA 2.	47
PERCEPÇÃO AMBIENTAL DA RELAÇÃO ENTRE HOMENS E OS POMBOS (COLUMBA LIVIA).....	49
RODRIGUES, JULIA MOREIRA ¹ ; SOUSA, JULIANA SILVA ¹ ; FARIA, LARA FERNANDA OLIVEIRA ¹ ; BARBOSA, REBECA PRESTES ¹ ; AMARAL, MARISA COSTA ²	49
PERCEPÇÃO DE ALUNOS DE ENSINO MÉDIO SOBRE FATORES RELACIONADOS ÀS DOENÇAS ZONÓTICAS	52
PEIXOTO, ALESSANDRA CATHERINE ¹ ; NASCIMENTO, ISABELLA MARQUES ¹ ; GARCÊS, LUCAS ALVES ¹ ; FERREIRA, LORENA LOPES ² ; PEREIRA-JUNIOR, RONALDO ALVES ³	52
QUESTIONAMENTO PARA OBTENÇÃO DE DADOS SOBRE A QUANTIDADE DE ANIMAIS CASTRADOS E NÃO CASTRADOS NA CIDADE DE ANÁPOLIS-GO.	54
SANTOS, MAGNO OTACÍLIO DAVID FERREIRA ¹ , AMORIM, ANA BRÍGIDA RIBEIRO ¹ , SILVA, MIRLAINY VALÉRIA FERREIRA DA ¹ , ABREU, MATHEUS RODRIGUES DE ¹ , ARAUJO, TAISA FARIA ¹ , FERREIRA, KAMILA DIAS ²	54
“SHUNT” - DESVIO PORTOSSISTÊMICO EM CÃO SRD: RELATO DE CASO	56
OLIVEIRA, LUCIANA NAVES FONSECA DE ¹ , OLIVEIRA, LARISSA SILVA ¹ , FREITA, LORRANE SILVA RIBEIRO ¹ , PIRES, MARINA VALERIANO ¹ , SANTOS, JANDRA PACHECO ² PIVETA LIDIANA CANDIDA ²	56
USO DA INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL EM TEMPO FIXO NA BOVINOCULTURA DE LEITE.....	60
ARAUJO, PAULO HENRIQUE SOBRINHO DE ¹ ; GONDIM, FLAVIA GRACIANA DOS SANTOS ¹ ; SANTOS, GEOVANNA RODRIGUES DOS ¹ ; OLIVEIRA, WALISSON SANTOS DE ¹ ; AMARAL, MARISA COSTA ²	60

ABORDAGEM CIRÚRGICA DO COLAPSO DE TRAQUEIA COM REALIZAÇÃO DO IMPLANTE EXTRALUMINAL – RELATO DO CASO

ABREU, Matheus Rodrigues de¹, SILVA, Mirlainy Valéria Ferreira Da¹, AMORIM, Ana Brígida Ribeiro¹, ARAUJO, Taisa Faria¹, FERREIRA, Kamilla Dias²

⁽¹⁾ Estudantes de Medicina Veterinária, FAMA, Anápolis, GO, Brasil

⁽²⁾ Docente, Departamento de Medicina Veterinária, FAMA, Anápolis, GO, Brasil

Palavras - chave: diagnostico, clínico, implantes.

INTRODUÇÃO

O colapso traqueal pode ser congênita ou adquirida e tem sua etiologia pouco estabelecida e caráter multifatorial (TAPPIN, 2016). A traqueia é definida como um tubo semirrígido que se estende da laringe até a sua bifurcação terminal sobre o coração, na altura da quarta ou quinta vértebra torácica (BYANET et al., 2014).

Nos animais o colapso de traqueia demonstra diminuição de glicosaminoglicanos, glicoproteínas e sulfato de condroitina presente nas cartilagens hialina, responsáveis pela formação dos anéis traqueias. Essas alterações na estrutura da cartilagem formadora dos anéis provoca a diminuição da rigidez da traqueia, fazendo com que ocorra uma maior predisposição ao colapso (TAPPIN, 2016). No exame radiográfico as indicações para avaliação de traqueia o animal apresenta-se com tosse que é feita pela indução da palpação traqueal e dificuldade respiratória, pela obstrução das vias respiratórias superiores (ALEXANDER, 2013). Objetivou-se com esse trabalho relatar o caso de um cão, macho, York Shire Terrier, com três anos de idade, com diagnóstico de colapso traqueal, onde optou-se pela técnica de implante extraluminal.

MATERIAIS E METODOS

O animal avaliado foi um cão da raça York Shire Terrier pesando 4kg, com dois anos de idade, macho, cuja queixa principal do tutor era de que animal apresentava-se cianótico, respiração ofegante e “tosse intensa de ganso”.

No exame físico observou-se que o animal alimentava três vezes ao dia, vacinado e desverminado, fezes e urina normais e o animal não era castrado.

No exame clínico as mucosas apresentavam-se cianóticas, linfonodos não reativos, frequência respiratória desregular, frequência cardíaca 65bpm, turgor cutâneo normohidratado e temperatura retal 38°C. Diante do quadro apresentado pelo animal, foi solicitado um exame radiográfico da região cervical, na posição latero-lateral direito para visualização de colapso de traqueia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os implantes extra luminiais são compostos de anéis ou espirais traqueais protéticos (KIRBY et al., 1991). Este tratamento tem como objetivo restaurar o diâmetro normal da traqueia sem comprometer o seu sistema mucociliar, dando uma sustentabilidade as cartilagens e ao musculo traqueal, preservando os suprimentos sanguíneos e os nervos segmentares da traqueia (HEDLUND, 2002).

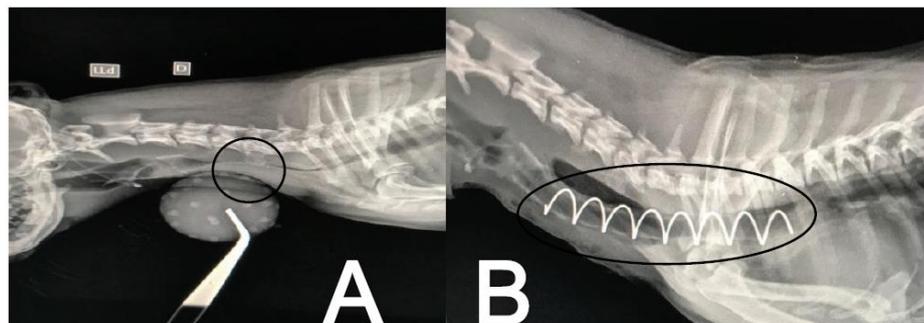


Figura 1- Em (A) radiografia da região cervical de um cão da raça York Shire Terrier, macho evidenciando colapso de traqueia e em (B) radiografia da região cervical, em posição latero-lateral direita, após colocação do implante extraluminal na traqueia.

Fonte: Arquivo Pessoal, 2019.



Figura 2. Realização da cirurgia de implante extraluminal na traqueia.

Fonte: Arquivo Pessoal, 2019.

CONCLUSÃO

A técnica de radiográfica tem grande importância no diagnóstico de casos com colapso de traqueia, pois é uma enfermidade multifatorial degenerativa, podendo avaliar clinicamente a gravidade dos sintomas que o animal apresenta, fazer correções cirúrgicas, além do prognóstico do animal, aliviando assim o seu desconforto e proporcionando uma melhora no seu quadro clínico.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- ALEXANDER, K. The pharynx, larynx and trachea. In: Thrall DE. Textbook of Veterinary Diagnostic Radiology. 6. ed. St. Louis: Elsevier Saunders. p. 489-499. 2013.
- BYANET, O.; BOSHA, J. A.; ONOJA, B. O. A quantitative study on the trachea of the Red Sokoto (Maradi) Goat (*Capra hircus*). **Veterinary Medicine International**. 2014.
- HEDLUND, C. S. **Colabamento Traqueal**. In: Cirurgia de pequenos 10 animais. 2. ed. São Paulo. p. 705–710.2002.
- KIRBY, B. M.; BJORLING, D. E.; RANKIN, J. H. G. The effects of surgical isolation and application of polypropylene spiral prostheses on tracheal blood flow. **Veterinary Surgery**. p. 49 – 54.1991.
- TAPPIN, S. W. Canine tracheal collapse. **Journal of Small Animal Practice**, p.9 –17, 2016.

ACUMULADORES DE ANIMAIS: UM RISCO EM POTENCIAL À SAÚDE ÚNICA

OLIVEIRA, Larissa Silva de¹, FREITA, Lorrane Silva Ribeiro de¹, PIRES, Marina Valeriano¹, PEREIRA-JUNIOR, Ronaldo Alves²

(¹) Estudante de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Goiás - Uni-ANHANGUERA;

(²) Docente do Centro Universitário de Goiás - Uni-ANHANGUERA

INTRODUÇÃO

A acumulação de animais é oriunda de um distúrbio psicológico, que interfere na capacidade do indivíduo de estabelecer uma tutela responsável, ao ser incapaz de manter um ambiente favorável a moradia dos animais e ao entorno desta residência, reduzindo o bem-estar através da precária sanidade. Além de provocar sofrimento aos animais, essa grave compulsão de alojar grandes quantidades de cães e gatos, os tornam suscetíveis a doenças e conseqüentemente a proliferação de zoonoses aos seus próprios tutores e vizinhos (CUNHA *et al.*, 2016).

Esta condição psicossocial tem grande relevância na saúde única, por envolver a saúde da população, do ambiente e dos animais dentro de situações insalubres com prejuízo a esta integração. De acordo Teixeira *et al.* (2016), esse distúrbio tem afetado por ano aproximadamente três mil famílias nos Estados Unidos, porém no Brasil os registros são escassos.

Para Gomes *et al.* (2016), das doenças infecciosas que estamos predispostos a adquirir, cerca de 70% destas tem como fonte algum animal. E foi percebido por Brasil (2016), que algumas doenças zoonóticas tem maior incidência em locais que abrigam grande quantidade de animais e que não possuem nenhum tipo de assistência higiênico sanitárias, tais como a leptospirose, leishmaniose, toxoplasmose, toxocaríase, sarnas e outros ectoparasitos, fungos, entre outras.

O presente trabalho é uma revisão de literatura, que visa a correlação do distúrbio de acumular animais a transmissão de doenças aos tutores e à comunidade, por haver um prejuízo a saúde dos animais alojados nesta situação degradante.

SÍNDROME DE NOÉ

O Transtorno da Acumulação (T.A.) é caracterizada pela aquisição compulsiva e acumulativa de objetos ou animais, sendo este último conhecido como síndrome de Noé, por abrigar animais em condições degradantes de superpopulação, com privações e competição por alimento, inexistência de cuidados sanitários, corroborando a doenças e possível morte. Esta síndrome tem incidência em pessoas de perfis solitários, com históricos traumáticos, idosos, pessoas com baixa escolaridade e menores índices socioeconômicos (TEIXEIRA, 2016).

Em um estudo realizado por Harc (2002), observa-se que 83,1% dos indivíduos com síndrome de Noé eram mulheres, com mais 55 anos de idade, sendo 75% solteiras, viúvas ou divorciadas, onde a razão para o distúrbio de acumular animais seria a necessidade de suprir o sentimento do afeto familiar. E em todos os indivíduos com a síndrome, era comum o menosprezo ao possível risco à sua saúde, aos circunvizinhos e dos animais (HARC, 2002).

RISCO DE TRANSMISSÃO DE ZOONOSES

A aquisição de um grande número de animais a uma área desproporcional e em condições impróprias a habitação por péssima higiene e nutrição, predispõem a imunossupressão e o surgimento de agentes patológicos (FESTUGATTO *et al.*, 2016). Uma residência nesta situação, propicia a infestação de animais sinantrópicos, sendo os ratos um dos principais veículos a transmissão da bactéria *Leptospira* sp. aos cães

e gatos, e consequentemente aos moradores os tornando portadores desta patologia (MESQUITA *et al.*, 2016).

O controle higiênico ineficaz pode proporcionar o surgimento e proliferação de vetores, como os flebotomíneos do gênero *Lutzomyia*, que na presença de matéria orgânica oriunda das fezes dos animais desenvolvem-se na forma larval até se tornarem ativas a transmitirem o protozoário *Leishmania* spp. caso infectados, aos animais e a população desta área, tornando a endêmica (BASTOS, 2012).

Os animais provenientes de acumuladores ainda são possíveis portadores da sarna sarcóptica, dermatite com presença de prurido intenso, alopecia e lesões com crostas, por ser uma doença altamente contagiosa. Os animais por permanecerem em contato muito próximo, em um ambiente com dimensões inadequadas, haverá uma possível propagação de ácaros *Sarcoptes scabiei*, aos animais e qualquer pessoa que tenha contato direto a estes (FERRARI; PRADO; SPIGOLON, 2008).

DESAFIOS NA SAÚDE

Os acumuladores de animais são um desafio aos profissionais da saúde, por ser um assunto pouco discutido e com escassa informação para o seu entendimento, como também de alta complexidade por expor a saúde humana, animal e o ambiente a efeitos deletérios (Patronek *et al.*, 2006). Seda (2016), sugere a necessidade de uma abordagem interdisciplinar e multiprofissional para os casos da acumulação, através de psicólogos, assistentes sociais e médicos veterinários, de modo a reduzir a probabilidade de recorrência do comportamento patológico.

Há a necessidade da delimitação de protocolos padrões para o monitoramento de casos relacionados a este transtorno, com uma abordagem sistêmica e uma equipe multidisciplinar, até mesmo para a prevenção de reincidências. Os profissionais

envolvidos devem ser preparados, capacitados e dispostos a atuar em contexto propositivo e resolutivo ao amparo biopsicossocial (ROBERTSON, 2016).

CONCLUSÃO

O reconhecimento da síndrome que atinge uma parcela da sociedade, já é um passo para resolução do problema que pode atingir toda uma população. A falta de estudos relacionados a este transtorno dificulta as formas de prevenção e controle as afecções que podem ser originadas. E este acúmulo de animais de forma compulsiva, se mostra um potencial foco a zoonoses e endemias, devendo ser tomadas medidas de controle e tratamentos constantes a esses tutores como também aos animais.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, T.S.A. **Estudos introdutórios sobre flebotomíneos**. Seminário apresentado junto à Disciplina Seminários aplicados do Programa de Pós-Graduação. Universidade Federal de Goiás. Goiânia. 2012.
- BRASIL (Ministério da Saúde). **Manual de vigilância, prevenção e controle de zoonoses: Normas técnicas e operacionais**. Brasília/DF. 2016.
- CUNHA, G.R. et al. **Avaliação sanitária para leptospirose em cães de um caso de acumulação de objetos e animais no município de Curitiba-PR**. I congresso de pesquisa em saúde animal e humana. Londrina. 2016.
- FERRARI M.L.O.P., PRADO M.O., SPIGOLON, Z. **Sarna sarcóptica em cães**. Ver Cient. Eletrôn. Med. Vet., Garça/SP. 2008.
- FESTUGATTO, R. 1ª Jornada em Saúde Única Famur. 2016.
- HARC (2002). **Health implications of animal hoarding**. Health and Social Work, 27, 125–131.
- MESQUITA, M.O. et al. **Material de educação ambiental como estratégia de prevenção da leptospirose para uma comunidade urbana reassentada**. Rev Cad. Saúde Colet., n 24. Rio de Janeiro. 2016
- PATRONEK, G.J.; LOAR, L.; NATHANSON, J.N. **Animal Hoarding: Structuring interdisciplinary responses to help people, animals**

and communities at risk. 2006. Hoarding of Animals Research Consortium. 55 p.

ROBERTSON, J. V. **Acumuladores de animais: uma questão de saúde pública.** Prefeitura de Porto Alegre. 2016. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/seda/default.php?reg=630&p_secao=32>. Acesso em 12 de novembro de 2019.

SEDA (Secretaria Especial de Direitos Animais da Prefeitura de Porto Alegre). **Acumuladores de animais: uma questão de saúde pública.** Notícias. 2016. Disponível em: Acesso em: 12 novembro.

TEIXEIRA, G. N. R. F., SILVA, J. A. M. C., SOARES, D. F. M. **Cadernos Técnicos de Veterinária e Zootecnia**, n. 83, p. 61-62, 2016.

ANIMAIS SILVESTRES VÍTIMAS DE ATROPELAMENTOS

SILVA, Ana Beatriz Cardoso da¹; SILVA, Isadora Souza Santos¹; AMARAL, Marisa Costa².

¹ Acadêmicas do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Goiás - Uni-ANHANGUERA.

² Professora orientadora M.a do Centro Universitário de Goiás - Uni-ANHANGUERA.

RESUMO

As construções de rodovias para obedecer a demanda populacional, tem contribuído na morte dos animais silvestres principalmente por atropelamentos, provocando a perda de seus nichos ecológicos. Estima-se que a cada segundo, 15 animais silvestres morrem atropelados nas rodovias do Brasil. E não é apenas os nichos ecológicos dos animais que estão em risco, os acidentes envolvendo animais de pequeno e grande porte, por exemplo, colocam em risco também a vida dos seres humanos. O objetivo desse estudo foi verificar as principais espécies de animais silvestres atropeladas nos municípios de Goiânia e Aparecida de Goiânia, sendo a Jiboia (*Boa constrictor*) e o Sagui-de-tufo-preto (*Callithrix penicillata*) as espécies mais recorrentes de atropelamentos. A pesquisa envolveu essas cidades, recolhendo informações que foram disponibilizadas pelo CETAS-GO (Centro de Triagem de Animais Silvestres de Goiás). Os animais encontrados atropelados em rodovias ou estradas, deverão ser resgatados e levados aos CETAS (representa um ambiente de conservação ex situ) quando possível, e deve ser anotado os dados dos animais: referente ao local encontrado atropelado, espécie afetada, data do resgate e estado de chegada. Verificou-se que os atropelamentos não são todos registrados, isso significa que os animais não são levados aos CETAS, negando o direito de atendimento e chance de sobrevivência de várias espécies, sendo encontrados na maior parte em rodovias como na Br 153, por Bombeiros ou pessoas físicas. Registrar os resgates dos animais atropelados e levantar a quantidade de mortes destes durante os anos é de extrema relevância, pois assim se tem um controle dos casos e também é importante para elaboração de projetos para diminuir os atropelamentos e conseqüentemente o número de mortes. A importância da existência de estabelecimentos como o CETAS, é fundamental, visto que disponibiliza a chance dos animais se recuperarem, excluindo a chance de extinção, favorecendo a biodiversidade e a fauna.

PALAVRAS-CHAVE: Biodiversidade. Nichos ecológicos. Resgate. CETAS.

INTRODUÇÃO

A biodiversidade é frequentemente afetada por atividades antrópicas, que vão desde desmatamento a expansão urbana, e apesar de toda a riqueza da biodiversidade, as ações do homem estão cada vez mais ameaçando as formas de vida, podendo até futuramente causar extinção de espécies. 2

A expansão urbana é o ponto que mais se chama atenção, pois, engloba também o desmatamento. As construções de rodovias para obedecer a demanda populacional, é um exemplo de expansão e tem

aumentado as mortes desses animais principalmente por atropelamentos, onde as estradas passam no meio de florestas e matas, e os animais perdem assim o seu nicho espacial, trófico e de reprodução o que favorece serem atropelados (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2015).

Estima-se que a cada segundo 15 animais silvestres morrem atropelados nas rodovias do Brasil, dada essa proporção, cada minuto devem morrer aproximadamente 900 animais, cada hora aproximadamente 54 mil, cada dia aproximadamente 1.296 milhões e a cada ano aproximadamente 474 milhões (CBEE, 2019). Pode ser observado na Figura 1 as regiões do Brasil, mostrando a proporção de mortes. Entende-se que a região classificada em 1º lugar é o Sudeste, seguindo em 2º lugar o Sul, em 3º lugar o Nordeste, em 4º lugar o Centro-Oeste e em 5º lugar o Norte.

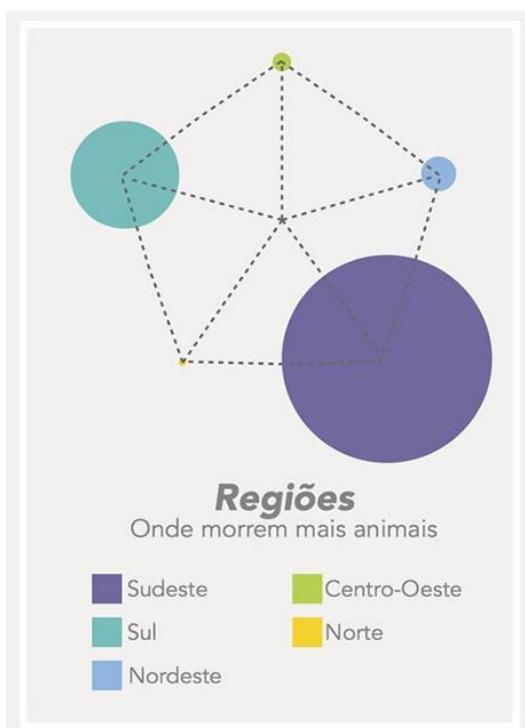


Figura 1. Infográfico representando a proporção de mortes em cada região do Brasil.

Fonte: Portal CBEE (2019).

Os animais encontrados atropelados em rodovias ou estradas, deverão ser resgatados e levados aos CETAS (representa um ambiente de conservação ex situ) quando possível, e deve ser anotado os dados dos animais: referente ao local encontrado atropelado, espécie afetada, data do resgate e estado de chegada (PROGRAMA DE FAUNA APREENDIDA, 2003).

A preocupação e prevenção desses problemas para o futuro é de suma importância, sabendo-se que o bioma do Cerrado é o segundo maior bioma do Brasil (MMA, 2019). No estado de Goiás aproximadamente 0,9% de sua área é pertencente a Unidades de Conservação de Proteção Integral, e 3,5% em Uso Sustentável, a maioria delas na categoria Área de Proteção Ambiental (MACHADO, 2005).

As áreas de conservação das espécies inseridas nos biomas devem ser preservadas, entre os fatores, por conta da exogamia, para aumentar a variabilidade genética e consequentemente a biodiversidade. O fluxo gênico é importante sobre a estrutura genética das populações. Requer diferentes estratégias para conservação in situ ou ex situ, diminuindo as chances de doenças oriundas de endogamia.

O CETAS é uma unidade do IBAMA que representa um ambiente de conservação ex situ, com finalidade estratégica de conservação e recuperação das espécies animais. Os animais são socorridos e levados para

o estabelecimento para dar início ao tratamento adequado, a recuperação é essencial visto que a ameaça de morte não para de crescer, podendo ocorrer a extinção.

O objetivo desse estudo foi verificar as principais espécies de animais silvestres atropeladas nos municípios de Goiânia e Aparecida de Goiânia.

MATERIAL E MÉTODOS

A informação para o levantamento de dados dos animais e espécies afetadas pelos atropelamentos nas cidades de Goiânia e Aparecida de Goiânia durante os anos de 2015 a 2018, se baseou através das informações fornecidas pelo CETAS-GO (Centro de Triagem de Animais Silvestres de Goiás), localizado na cidade de Goiânia, estado de Goiás (GO), residente no endereço: BR-153, 2145, Km 487, Chácara União - Jardim Guanabara.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da coleta de dados, verificou-se que os atropelamentos não são todos registrados, isso significa que, os animais não são levados aos CETAS, negando o direito de atendimento e chance de sobrevivência de várias espécies. A maior parte dos animais que chegam são filhotes (em estado crítico os filhotes muitas vezes são encontrados com a mãe já morta) e jovens, de pequeno a médio porte, encontrados na maior parte em rodovias como na Br 153, por Bombeiros, pessoas físicas, etc.

Os dados do CETAS entre os anos de 2015 a 2018, registra o total de 3.161 resgates na cidade de Goiânia e Aparecida de Goiânia. Primeiramente no ano de 2015, foi relatado 570 resgates; no ano de 2016, 356 resgates; no ano de 2017, 961 resgates; e no ano de 2018, 1.274 resgates. O ano de 2018 foi marcado com o maior índice (Tabela 1).

Tabela 1. Resgate de animais em Goiânia e Aparecida de Goiânia, no ano de 2015 a 2018.

<i>Anos</i>	<i>Número de resgates</i>
2015	570
2016	356
2017	961
2018	1.274
<i>Total</i>	3.161

Em geral, os 3.161 resgates registrados, foram de animais com a asa quebrada (machucados ou feridos); eletrocutados; encontrados em residências (prédio ou casa), comércios, escolas, parques ou pastos; vítimas de tiros; vítimas de pedradas; que caíram de ninhos ou árvores; bico amarrado com fita isolante; vítimas de queimadas; agredidos por crianças; anzol ou linha enrolado no corpo; pancada em colisão com vidro; intoxicação por fumaça; atacados por gatos e cães; atropelados; mortos, dentre outros (Figura 2).

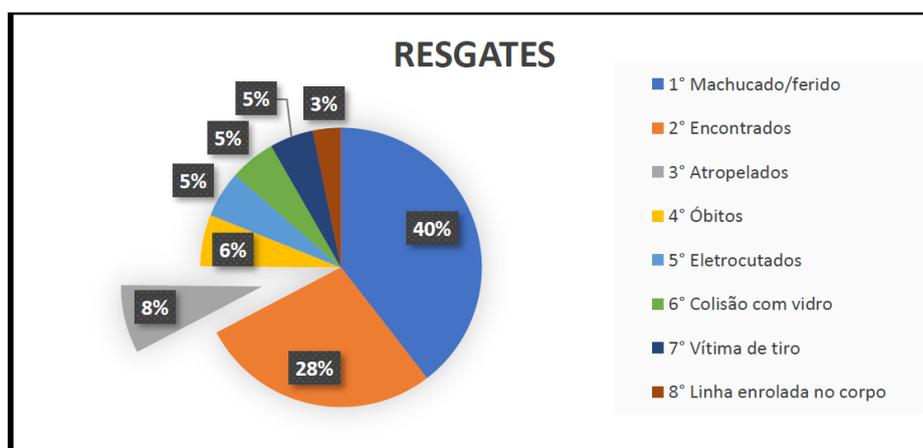


Figura 2. Estado de chegada dos animais no CETAS de 2015 a 2018.

Os atropelamentos estão em 3º lugar, sendo registrados 66 casos ao longo dos 4 anos. Muitos animais são vítimas nas estradas, alguns deixados para morrer, esses não são levados aos CETAS, logo, não é registrado o estado em que o animal se encontra, além de ser negado o direito de atendimento e chance de sobrevivência do mesmo.

A maior parte dos animais que chegam são filhotes e jovens, de pequeno a médio porte (como mostrado na Tabela 2), levados por Bombeiros –Goiânia/Aparecida de Goiânia; Pessoas físicas -Goiânia/Aparecida de Goiânia; Agência Municipal do Meio Ambiente (AMMA) –Goiânia; Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SEMMA) –Aparecida de Goiânia; Batalhão de Polícia Militar (BPM ambiental) -Goiânia.

Encontrados na maior parte na Br 153 (Km: 131, 637; próximo a Polícia Rodoviária Federal -PRF; Faculdade UNIP). As espécies silvestres mais atropeladas, foram: Sagui-do-tufo-preto; Gambá; Cágado-de-barbicha; Capivara; Macaco-prego; Jiboia (Tabela 2).

Tabela 2. Espécies animais silvestres mais atropelados em Goiânia e Aparecida de Goiânia, no ano de 2015 a 2018.

Nome comum	Nome científico
Sagui-do-tufo-preto	<i>Callithrix penicillata</i>
Gambá	<i>Didelphis albiventris</i>
Cágado-de-barbicha	<i>Phrynops geoffranus</i>
Macaco-prego	<i>Sapajus libidinosus</i>
Jiboia	<i>Boa constrictor</i>

CONCLUSÕES

A fauna da estrada vítima dos atropelamentos que são levados aos CETAS consegue se recuperar e posteriormente ser solto ao habitat natural. A importância da existência de estabelecimentos como o CETAS, é fundamental, visto que disponibiliza a chance dos animais se recuperarem, excluindo a chance de extinção, favorecendo a biodiversidade e a fauna.

Registrar os resgates dos animais atropelados e levantar a quantidade de mortes destes durante os anos é de extrema relevância, pois assim se tem um controle dos casos e também é importante para elaboração de projetos para diminuir os atropelamentos e conseqüentemente o número de mortes.

Diante desse estudo percebe-se a necessidade de mais pesquisas que envolvem a fauna de estradas, principalmente no que se refere a animais silvestres.

REFERÊNCIAS

- CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Fauna silvestre**: dê passagem para a vida. Brasília: Câmara dos Deputados, texto base elaborado pela Consultoria Legislativa, 2015. Disponível em file:///C:/Users/isado/Downloads/fauna_silvestre_passagem.pdf. Acesso em 11 de Setembro de 2019.
- CBEE. CENTRO BRASILEIRO DE ESTUDOS EM ECOLOGIA DE ESTRADAS. **Banco de Atropelamento de Fauna Silvestre**. Brasil, 2019. Disponível em <http://cbee.ufla.br/portal/atropelometro/>. Acesso em 4 de Setembro de 2019.
- FISCHER, W. A. . **Efeitos da BR-262 na mortalidade de vertebrados silvestres**. Campo Grande, 1997. Disponível em https://www.academia.edu/29404025/Efeitos_da_rodovia_BR-262_na_mortalidade_de_vertrebrados_silvestres_Pantanal_MS_1997_ . Acesso em 1 de Setembro de 2019.
- MACHADO, R.B. . **Áreas prioritárias para conservação da biodiversidade em Goiás**. Goiânia, 2005. Disponível em https://www.academia.edu/6725470/%C3%81REAS_PRIORIT%C3%81RIAS_PARA_CONSERVA%C3%87%C3%83O_DA_BIODIVERSIDADE_EM_GOI%C3%81S . Acesso em 6 de Outubro de 2019.
- MMA. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Caderno de licenciamento ambiental**. Brasília, 2009. Disponível em https://www.mma.gov.br/estruturas/sqa_pnl/_arquivos/ultimo_caderno_pnc_licenciamento_caderno_de_licenciamento_a_m_biental_46.pdf . Acesso em 28 de Agosto de 2019.
- MMA. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **O bioma Cerrado**. Brasil, 2019. Disponível em <https://www.mma.gov.br/biomas/cerrado> . Acesso em 3 de Outubro de 2019.
- PROGRAMA DE FAUNA APREENDIDA. **Programa Estadual de Manejo de Fauna Silvestre Apreendida**. Curitiba, 2003. Disponível em <http://www.redeprofaua.pr.gov.br/arquivos/File/CompletoFinalFauna.pdf> . Acesso em 7 de Setembro de 2019.

AUTOMEDICAÇÃO EM ANIMAIS DOMÉSTICOS

SOUZA, Elizana Braga de¹; SOUZA, Gabriella de Moraes¹; PALHANO, Gabriella Aguiar¹; ANDRADE, João Victor Rodrigues¹; ZORZI, Juliana de¹; CARMO, Stéphanie de Souza¹; AMARAL, Marisa Costa².

¹Acadêmicos do curso de Medicina Veterinária no Centro Universitário de Goiás Uni-ANHANGUERA.

² Professora M.ª do Centro Universitário de Goiás Uni-ANHANGUERA.

RESUMO

Automedicação é a pratica de administrar um medicamento sem a orientação devida de um profissional, seja em humanos, ou em animais. A maioria dos proprietários realiza essa prática em seus animais domésticos, desconhecendo os riscos que a automedicação pode gerar ao animal. Por ser uma prática muito comum no Brasil e pouca abordada, esse estudo teve como objetivo a averiguação do número de pessoas que administram medicamentos por conta própria em seus animais, já que essa situação é facilitada através de estabelecimentos comerciais, como por exemplo, lojas agropecuárias. Além disso, pode-se dizer que os tutores preferem utilizar a internet como fonte de informação, ser aconselhado por um amigo ou familiar do que levar seu animal ao medico veterinário alegando não ter tempo ou dinheiro para levá-lo até uma clínica. Por esse motivo, foi realizada a aplicação de questionários em alguns setores de Goiânia e Aparecida de Goiânia, e após a análise desses questionários, foi notada a importância e a necessidade de se discutir sobre esse tema.

Palavras-chave: Diagnóstico. Patológico. Interações medicamentosas. Intoxicação. Internet. Desinformação.

INTRODUÇÃO

Um dos maiores problemas enfrentados pelos médicos veterinários é a automedicação, ou seja, o uso de medicamentos em animais domésticos sem prescrição médica. Essa prática ocorre comumente, e muitas vezes, são facilitadas por meio de vendas dos estabelecimentos comerciais, como lojas de pet shops e de

produtos agropecuários (NASCIMENTO et al., 2018).

Assim como ocorre em humanos, a automedicação pode ser extremamente prejudicial no animal, pois pode mascarar ou impedir o diagnóstico correto de uma doença grave, podendo afetar negativamente qualquer processo patológico, provocando ainda interações medicamentosas e efeitos secundários (CARVALHO et al., 2012).

A principal consequência dessa atitude é a intoxicação. Isso ocorre devido ao fato de os tutores recorrerem a medicamentos de uso humano, o que por sua vez, gera uma superdosagem, pois os animais apresentam uma resposta farmacológica diferente dos seres humanos. Ademais, a desinformação do tutor, associada a credices populares e informações contidas na internet também influenciam no aumento da incidência de casos associados à automedicação (DINIZ, 2013; FELDKIRCHER, 2014).

Por essa finalidade, o objetivo desse estudo é averiguar se as pessoas administram medicamentos em seus animais sem a prescrição de um médico veterinário, já que a maioria dos tutores que realizam essa prática em seus pets desconhecem os riscos à saúde os quais esses ficam submetidos, não cumprindo na grande maioria dos com suas responsabilidades com o animal.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa envolveu alguns setores do município de Goiânia, como a região central, sudoeste e sul da cidade. Sendo eles, respectivamente, Cidade Jardim, Parque Oeste Industrial, Façalville e Jardim América, considerando também o setor Cidade Vera Cruz localizado na região sudoeste do município de Aparecida de Goiânia.

Para a coleta e levantamento de dados foi utilizada a aplicação de questionários aos moradores desses bairros, ocorrido no mês de novembro de 2019. Vinte questionários foram aplicados em cada setor e analisados para a descoberta de quantas pessoas automedicam seu animal doméstico e qual dos setores possuem a maior porcentagem relacionado a automedição.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percebe-se através dos questionários aplicados que a maior parte das pessoas tem como animal doméstico o cão em todos os setores analisados (Figura 1).

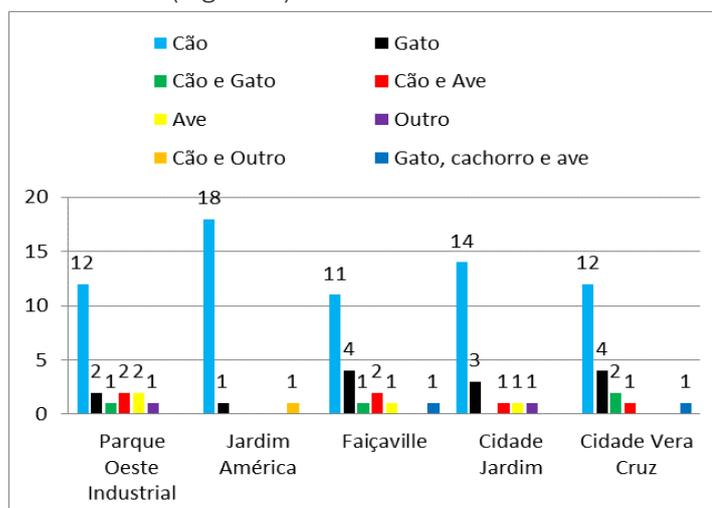


Figura 1. Animais domésticos mais adotados.

Além disso, nota-se que no Parque Oeste Industrial 65% diz não realizar a automedicação, e o 35% restante sim. Já no Jardim América, Façalville e Cidade Vera Cruz a maioria alega administrar medicamentos. Ao

mesmo tempo em que na Cidade Jardim 50% automedica e 50% não. (Figura 2).

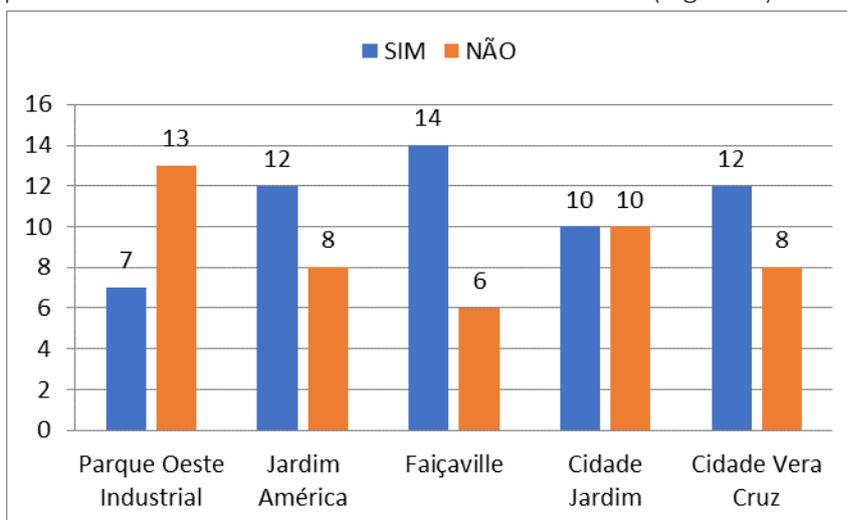


Figura 2. Hábito de automedicação.

Ainda, evidencia-se que as razões utilizadas para as pessoas realizarem a automedicação são variáveis (Figura 3). Sendo que no Parque Oeste Industrial disseram que o fator preponderante é a situação financeira. Enquanto que no Jardim América torna-se a falta de tempo para ir a uma clínica. Ademais, nos bairros Cidade Jardim e Faixaville o principal motivo são os conselhos de amigos ou familiares. O Cidade Vera Cruz, por sua vez, tem como causa majoritária as informações contidas na internet. Vale ressaltar, principalmente, que em todos os setores os entrevistados que afirmaram não realizar a automedicação marcaram “nenhuma das alternativas”.

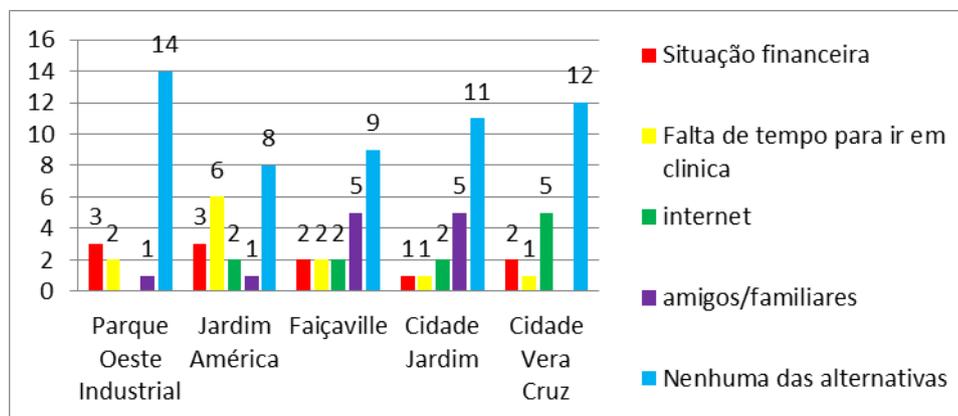


Figura 3. Razões para a automedicação.

Outrossim, o medicamento de uso humano mais administrado é a dipirona (Figura 4). No caso das receitas caseiras a mais utilizada no Jardim América é o fígado, e nas outras regiões, os chás. Já no Cidade Vera Cruz tem a prevalência de não automedicação por essas receitas. (Figura 5). Todavia, em todas as situações as pessoas que afirmaram não automedicação seus animais também marcaram “nenhuma das alternativas”.

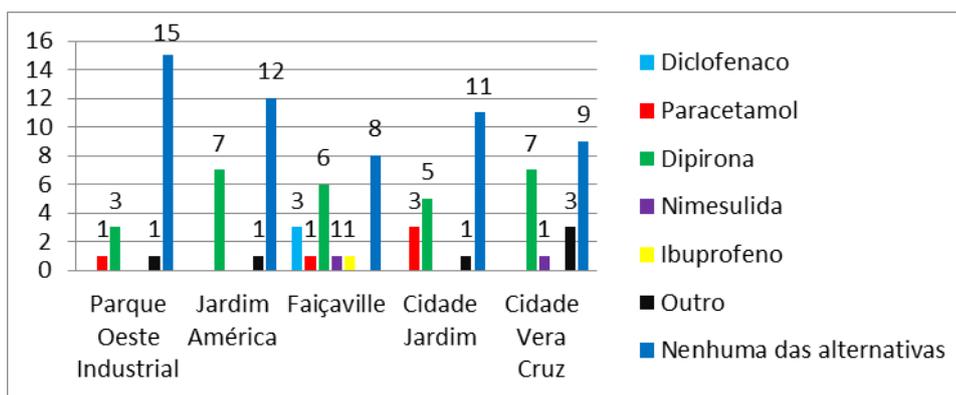


Figura 4. Fármacos mais utilizados.

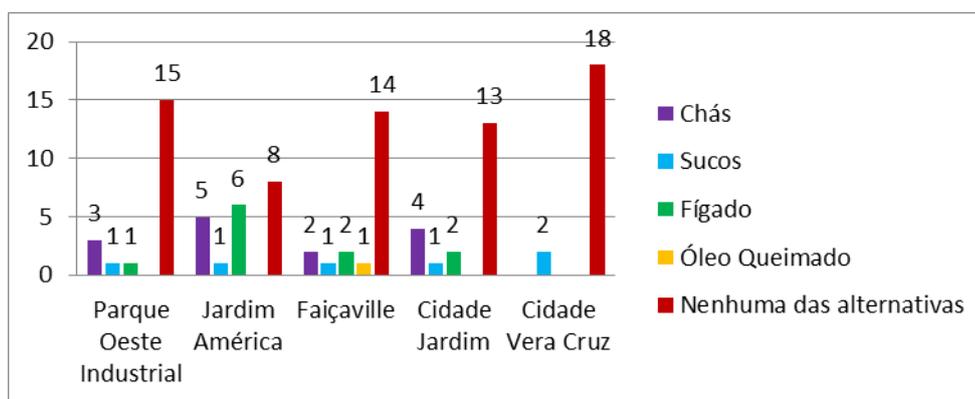


Figura 5. Receitas caseiras.

Para mais, em relação aos efeitos colaterais, houve o predomínio em todos os setores do desconhecimento sobre o assunto. Seguido da assertiva: “ambas as anteriores”, referentes à intoxicação e reações medicamentosas (Figura 6).

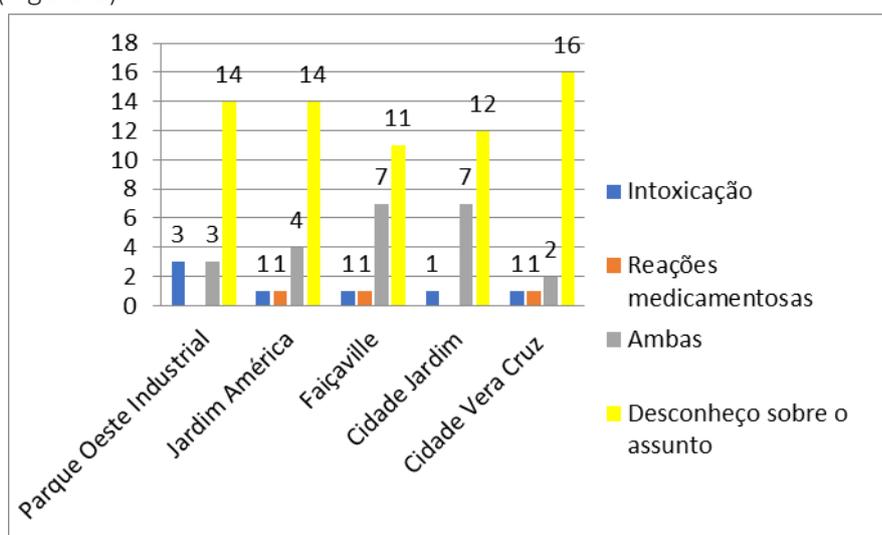


Figura 6. Efeitos colaterais da automedicação.

CONCLUSÃO

Com a aplicação dos questionários, nota-se que existe certa omissão de informações por parte de alguns proprietários o tema abordado. Mas apesar de não ser possível obter a exata porcentagem de pessoas que realizam ou não a automedicação, é nítido que, em 90% dos setores questionados, a margem de pessoas

que automedicam seus animais domésticos é maior do que as que não realizam a automedicação. Além disso, outro fator que chama bastante atenção, é que apesar da automedicação ocorrer de forma frequente, em todos os setores foi notado que as pessoas, apesar de realizarem tal ação, apresentam desinformação a cerca dos riscos que a automedicação pode levar ao seu animal. Tendo em vista que a administração de medicamentos em animais domésticos sem a orientação devida é um dos maiores problemas enfrentados pelos médicos veterinários, pode-se afirmar que o tema "Automedicação em animais domésticos" precisa, de fato, ser abordado com mais frequência.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, C. F. ; ARAÚJO, D. P. ; BONFIM, J. C. **Incidência de medicação em cães e gatos por seus responsáveis sem orientação médico-veterinária.** Centro Científico Conhecer, Goiânia, v.8, p.1035-1040, 2012.
- DINIZ, M. C. **Atenção! Os perigos da automedicação em cães e gatos.** Disponível em: < <https://www.petlove.com.br/dicas/atencao-os-perigos-da-automedicacao-em-caes-e-gatos>>. Acesso em 21/09/2019.
- FELDKIRCHER, K. C. G. Intoxicação medicamentosa em animais domésticos. **REVET – Revista Científica de Medicina Veterinária**, Brasília – DF, v.1, n. 1, out 2014.
- MATANGELO, G . **Os riscos da automedicação nos animais.** Disponível em: < <https://www.petiscopetcia.com.br/single-post/2018/03/28/Os-riscos-da-automedicacao-nos-animais>>. Acesso em 21/09/2019.
- NASCIMENTO, C. J. ; GOMES, B. M. S. ; COSTA, D. I. . **Análise a respeito do uso indiscriminado de medicamentos sem a prescrição do médico veterinário em aves de rapina.** *Ciência Animal*, v.28, p. 14-17, 2018.
- SANTOS, M. A. ; MARUSO, R. M. ; DOMINATO, A. A. G. . **Intoxicações em animais domésticos: prevalência e exames laboratoriais.** Unoeste, 2013.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO

- 1) Você tem algum animal doméstico? () Sim () Não
- 2) Qual? () Gato () Cachorro () Ave () Outro
- 3) Você tem o hábito de automedicar seu animal? () Sim () Não
- 4) Você costuma administrar medicamento de uso humano? () Sim () Não
- 5) Quais medicamentos de uso humano você costuma administrar em seu animal?
() Diclofenaco () Paracetamol () Dipirona () Nimesulida
() Ibuprofeno () Outro () Nenhuma das alternativas
- 6) Por qual razão você automedica o seu animal? () Situação financeira () Falta de tempo para ir a uma clínica () Informações contidas na internet () Conselhos de amigos/familiares () Nenhuma das alternativas
- 7) Quais das alternativas abaixo correspondem aos efeitos colaterais causados pela automedicação? () Intoxicação () Reações medicamentosas () Ambas as anteriores () Desconheço sobre o assunto
- 8) Com qual regularidade você leva seu animal ao médico veterinário? () Anualmente () Semestralmente () Só em caso de enfermidade () Nunca
- 9) Você costuma administrar alguma receita caseira ao seu pet? () Sim () Não
- 10) Qual? () Chás caseiros () Sucos no geral () Fígado () Óleo queimado () Nenhuma das alternativas
- 11) Qual fonte você utiliza para realizar a automedicação? () Internet () Conselho de amigos/familiares () Crendices populares () Todas as alternativas () Nenhuma das alternativas

AVALIAÇÃO DO USO DA TÉCNICA DE OSTEOTOMIA DE NIVELAMENTO DO PLATÔ TIBIAL (TPLO) PARA CORREÇÃO DA INSTABILIDADE DO LIGAMENTO CRUZADO CRANIAL - RELATO DE CASO

ABREU, Matheus Rodrigues de¹, SILVA, Mirlainy Valéria Ferreira Da¹, AMORIM, Ana Brígida Ribeiro¹, ARAUJO, Taisa Faria¹, FERREIRA, Kamilla Dias²

⁽¹⁾ Estudantes de Medicina Veterinária, FAMA, Anápolis, GO, Brasil

⁽²⁾ Docente, Departamento de Medicina Veterinária, FAMA, Anápolis, GO, Brasil

Palavras - chave: clínico, cirúrgico, ligamento.

INTRODUÇÃO

A ruptura de ligamento cruzado cranial é responsável pela instabilidade da articulação do joelho, resultando na claudicação e desenvolvimento da doença articular degenerativa, sendo uma das lesões ortopédicas mais comuns em animais de companhia (CHUNG et al., 2016).

Acomete normalmente animais com idade superior a cinco anos associado com as degenerações de ligamentos, sendo assim, os métodos de diagnóstico são baseados nos achados clínicos, teste de gaveta, compressão tibial e avaliações radiográficas (PIERMATTEI, 2009).

O tratamento pode ser feito de forma medicamentosa ou cirúrgica. Sendo assim, a intervenção cirúrgica é recomendada para estabilização rápida e retorno precoce da função do membro. Dentre as técnicas cirúrgicas que podem ser realizadas com propósito de estabilização da articulação, podemos citar o uso de bioscaffolds, uso de suturas estabilizadoras ou osteotomia tibial que irá mudar a cinemática articular. Estes métodos melhoram significativamente as funções do membro e diminui a claudicação (BERGH, 2014).

Objetivou-se com este trabalho fazer a avaliação do uso da técnica de osteotomia de nivelamento do platô tibial para correção da instabilidade do ligamento cruzado cranial através do diagnóstico clínico e imagem radiográfica.

MATERIAL E METODOS

O animal avaliado foi um cão SRD, pesando 8kg, com 9 anos de idade, macho, cuja queixa principal do tutor era de que o animal apresentava claudicação do membro pélvico direito tendo dificuldade para andar e subir ao sofá.

Ao exame físico observou-se que o animal alimentava-se bem, vacinado, vermifugado, fezes e urina sem alteração e não castrado. Ao exame clínico as mucosas apresentavam-se normocoradas, frequência cardíaca 70 bpm, frequência respiratória 17 mpm, linfonodos não reativos, temperatura retal 38,5 °C, turgor cutâneo normohidratado. Prosseguiu-se para avaliação do membro pélvico direito, onde se realizou o teste de gaveta que foi sugestivo de instabilidade do ligamento cruzado, após a avaliação foi solicitado hemograma e radiografia do membro pélvico direito em posição médio lateral direito com ênfase na articulação fêmuro-tíbio-patelar onde se confirmou o diagnóstico de ruptura do ligamento cruzado cranial (RLCCr).

RESULTADO E DISCUSSÃO

O risco de ruptura de ligamento cruzado cranial pode estar diretamente relacionado com a quantidade de fibras elásticas presentes nos ligamentos (SMITH et al., 2017). Segundo DORING et al. (2018) sugerem que a ruptura do ligamento ocorre devido a degeneração e artropatias linfocíticas plasmocíticas.

O animal foi submetido a cirurgia do joelho direito por meio da técnica de osteotomia de nivelamento do platô tibial, teve boa resposta pós operatória, apresentando uma redução da claudicação no membro afetado.

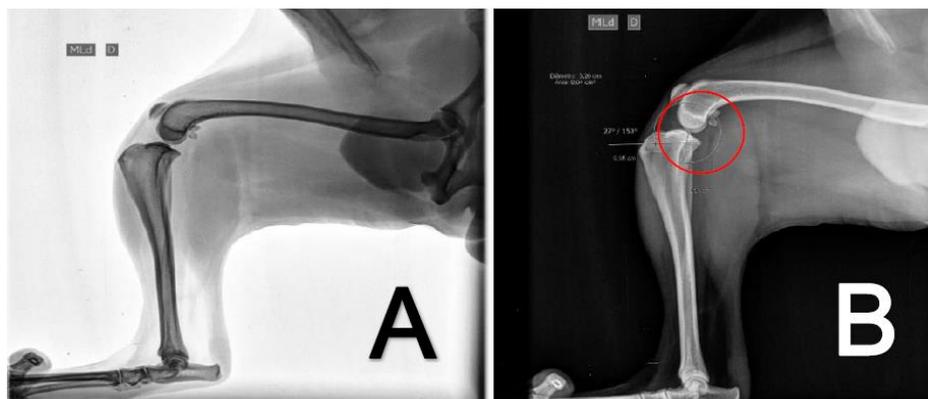


Figura 1: Em (A) radiografia do membro pélvico em posição médio lateral direita e em (B) radiografia do membro pélvico em posição médio lateral direita avaliando o ângulo do plato tibial.

Fonte: Arquivo Pessoal, 2019.



Figura 2. Colocação do implante pela técnica de TPLO promovendo o nivelamento do platô tibial.

Fonte: Arquivo Pessoal, 2019.

CONCLUSÃO

Conclui-se que o uso da técnica TPLO vem sendo usada com uma boa aceitação entre os cirurgiões para correção de ligamento cruzado cranial devido sua alta taxa de sucesso, sendo de grande importância na clínica de pequenos animais.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- BERGH, M. S. Systematic Review of Surgical Treatments for Cranial Cruciate Ligament Disease in Dogs. **Journal of the American Animal Hospital Association – JAAHA**, Lakewood, v. 50, n. 5, p. 315-321, set./out. 2014.
- CHUNG, D. G.; SANTOS, R. M.; MORATO, G. O; ROCHA, A. G.; PADILHA, J. G.; SAMPAIO, G. R. Transposição e avanço da tuberosidade tibial para tratamento da luxação medial de patela associada à ruptura do ligamento cruzado cranial em cão de pequeno porte: relato de caso. **UNIMAR Ciências**, p. 8-13. 2016.
- DORING, A. K.; JUNGINGER, J.; TRAUTWEIN, M. H. Cruciate ligament degeneration and stifle joint synovitis in 56 dogs with intact cranial cruciate ligaments: Correlation of histological findings and numbers and phenotypes of inflammatory cells with age, body weight and breed. **Veterinary Immunology and Immunopathology**, v. 196, p. 5-13, 2018.
- PIERMATTEI, D. L.; FLO G. L.; DECAMP C. E. Articulação do Joelho. In: __. **Ortopedia e Tratamento de Fraturas de Pequenos Animais**. 4 ed. São Paulo: Manole, p. 663-664, 2009.
- SMITH, K. D.; HAYASHI, K.; CLEMENTS, D. N.; CLEGG, P. D.; INNES, J. F.; COMERFORD, E. J. Variation in the Quantity of Elastic Fibres with Degeneration in Canine Cranial Cruciate Ligaments from Labrador Retrievers. **Veterinary and Comparative Orthopaedics and Traumatology**, v. 30, n. 6, p. 398-402, 2017.

BEM ESTAR DOS CÃES DOMÉSTICOS

SANTOS, Angélica Francisca Resende dos¹; LEMOS, Bruna Fortuna Camilo¹; MARTINS, Katiany Ronelly¹; OLIVEIRA, Michelle Cristina Moreira de¹; AMARAL, Marisa Costa²

1Acadêmicas do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Goiás - Uni-ANHANGUERA.

2Professora orientadora M.a do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Goiás - Uni-ANHANGUERA.

RESUMO

Séculos atrás os cães eram criados apenas com finalidade de auxiliar nos trabalhos no campo, hoje esses animais se tornaram domésticos sendo considerados como um membro familiar, diante da evolução do seu papel na sociedade suas necessidades foi requerendo uma assistência maior por parte dos tutores em relação a saúde e bem-estar. Vários conceitos acerca do assunto foram criados por autores e pesquisadores da área, cada um com uma ideia e pensamento, no entanto o conceito mais aceito atualmente descreve as cinco liberdades que devem ser aplicadas ao bem-estar do animal. Além disso houve grandes conquistas, com a sanção de leis e decretos que penalizam agressões, abandono, mutilações, dentre outros maus tratos. Considerando tais conceitos e pensamentos, foi aplicado um questionário através do site Google Forms disponibilizado pelo aplicativo Whatsapp para os discentes do Centro Universitário de Goiás Uni-Anhanguera, com o objetivo de relatar se as práticas de bem-estar do cão vêm sendo promovidas por seus tutores. Diante dos resultados obtidos, grande parte dos discentes demonstraram estar cientes das necessidades básicas para alcançar o bem-estar do cão doméstico.

PALAVRAS-CHAVE: Qualidade de vida. Saúde emocional. Saúde física. Tutor. Convivência.

INTRODUÇÃO

Não é de hoje que a domesticação dos animais está presente na vida dos seres humanos. Segundo Faraco (2003) esta interação começou a alguns milhões de anos atrás, em que os animais eram utilizados para a caça e pastoreio. Essa interação foi se tornando cada vez mais próxima, hoje em dia animais como os cães estão cada vez mais presentes nas casas de grande parte da população.

Neste contexto, a visão sobre as condições de vida e bem-estar dos animais domésticos foi mudando. Sendo demonstrados através de leis e normativas que regem a criação e convivência com os animais. No ano de 1934 foi feito o Decreto N° 24.645 que relata sobre proteção e os direitos dos animais, em seu Artigo 3 diz que é considerado crime qualquer tipo de maus tratos.

Na visão de Duncan; Fraser (1997), a maioria das definições de bem-estar animal está agrupada em uma das três escolas de pensamento. As definições baseadas no bem-estar emocional estão relacionadas com o termo muito usado ultimamente que trata os animais como seres sencientes, definido como uma capacidade de sofrer, sentir prazer ou felicidade (LUNA, 2008). As definições baseadas no funcionamento biológico definem que a saúde física e um funcionamento biológico do animal caminham juntas, assim o animal alcança uma qualidade de vida. (SCHOENAU, 2016). A UNESCO-ONU no ano de 1978 fez uma Declaração Universal dos Direitos dos Animais, os animais devem estar em um ambiente onde sejam livres

de fatores que geram estresse e desconforto, é assim poder expressar o comportamento natural de cada espécie.

No comitê Brambell no ano 1965 pesquisadores da área propuseram pela primeira vez as cinco liberdades que envolvem bem-estar animal, esses conceitos tiveram um novo norte em 1993 pelo conselho de Bem-estar de animais onde diz que os animais devem ter: ⁽¹⁾ Liberdade de sede, fome e má-nutrição; ⁽²⁾ Liberdade de dor, ferimentos e doença; (3) Liberdade de desconforto; (4) Liberdade para expressar comportamento natural e (5) Liberdade de medo e estresse (OLIVEIRA, 2019). Mensurar o bem-estar dos animais e entender, avaliar e garantir que essas condições de vida sejam cumpridas, garantindo uma melhor sobrevivência desses animais domesticados.

O objetivo desse estudo foi relatar se as práticas de bem-estar do cão vêm sendo promovidas através de seus tutores.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo de caso foi realizado no Centro Universitário de Goiás - Uni-ANHANGUERA, localizado na Avenida João Cândido de Oliveira, 115 – Cidade Jardim, Goiânia, Goiás - CE74423-115.

A coleta de dados foi realizada através de um questionário utilizando como ferramenta de envio o WhatsApp que compartilhou o link do site Google Forms, onde as perguntas foram direcionadas para a comunidade discente dessa Instituição de Ensino.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo de caso envolveu a participação de 63 alunos de diversos cursos do Centro Universitário de Goiás, com perguntas relacionadas ao bem-estar dos cães domésticos e o que seus tutores praticam em seus lares. 87,3% dos participantes disseram que possuem cães. Essa informação foi importante para obtenção de respostas relevantes para a pesquisa.

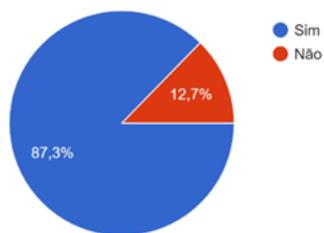


Figura 01. Você possui cão de estimação em casa?

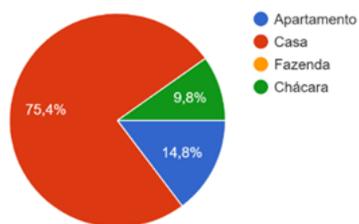


Figura 02. Você mora em:

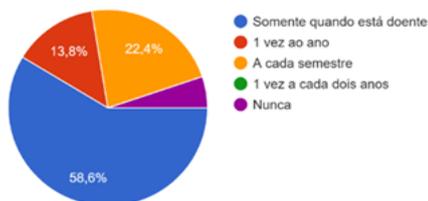


Figura 04. Com qual frequência você leva o seu cachorro ao veterinário?



Figura 05. Com qual frequência você vermifuga/vacina o seu cachorro?

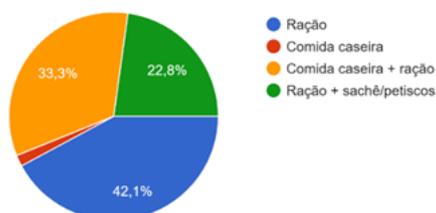


Figura 06. A alimentação do seu animal é:

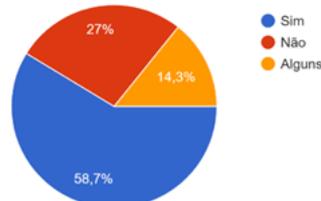


Figura 07. Os animais possuem 5 direitos....vc conhecia?

Um dos cinco direitos dos animais e ser livre de desconforto, esse termo pode haver diversas interpretações, pois o desconforto pode ser no ambiente em que se vive tendo ele um espaço restrito que cause dificuldades de locomoção, ambientes em que animal fica exposto ao vento, chuva e ao sol e que não apresente uma higiene adequada.

No gráfico 02 é possível observar 75,4% das respostas dadas, os cães moram em casas onde se tem uma percepção de que os animais possuem um ambiente com um espaço maior para se desenvolver e se mover livremente, no mesmo sentido seguem os 9,8% dos animais que moram em chácaras, 14,8% das respostas os animais moram em apartamentos, animais de pequeno porte, calmos e reservados se adequam bem a pequenos espaços.

A ideia do que pode levar o animal a um bem-estar pode variar de pessoa para pessoa ou entre autores. Para ter uma saúde adequada e necessário o acompanhamento do (s) cão (ães) com um médico veterinário, para que o animal possa ser examinado é tratado se necessário.

No gráfico 04 é possível notar que 58,6% dos acadêmicos levam seu animal somente ao veterinário quando está doente, enquanto 22,4% levam a cada semestre que seria o mais indicado para fazer exames de rotinas e averiguar se está tudo bem com o (s) cão (ães).

Vacinação e vermifugação e uma demonstração de compromisso com a saúde do cão, vacinando o animal o tutor manterá sua imunidade ativa diante de várias doenças que podem ser fatais, além de contribuir para a saúde pública.

Na figura 05 é possível notar que 20,7% dos discentes levam seus animais para vermifugar ou vacinar somente quando há campanha, enquanto 39,7% levam a cada 6 meses enquanto 1,7% nunca levou seus animais. Percebe-se que alguns alunos não conhecem a importância deste ato, a vacinação e a vermifugação protege homem e animal contra a disseminação de verminoses e zoonoses.

A alimentação dos cães é um dos principais fatores para ter uma saúde adequada, quando o animal tem a alimentação desregrada tal hábito pode acarretar doenças por falta de nutrientes como a anemia ou por excesso deles, como a obesidade, diabetes, dentre outras.

No gráfico 06, observa-se que 42,1% dos acadêmicos dão somente ração aos seus cães, enquanto 33,3% dão comida feita em casa e ração. Porém 22,8% já alimentam seu animal com ração e petiscos. Percebe-se que a saúde de um cachorro depende de diversos fatores que devem ser respeitados, hábitos e uma rotina alimentar saudável otimiza uma qualidade de vida.

Foram propostas as 5 liberdades que envolvem o bem-estar animal, buscando sempre a qualidade de vida, Cães que vivem neste ambiente apresentam um comportamento mais dócil e calmo, conseguem se socializar mais fácil com pessoas e outros animais e tem um aumento considerável na expectativa de vida. Ao apresentarmos os direitos dos cães, 58,7% das pessoas alegaram estarem cientes, enquanto 27% das pessoas não conhecem e 14,3% pessoas conhecem apenas alguns deles.

CONCLUSÃO

A comunidade interna do Centro Universitário de Goiás – Uni – Anhanguera que respondeu o questionário, disponibilizado no site Google Forms, reconhecem que os animais devem ter direito a qualidade vida. Identificando as cinco principais liberdades que envolvem o bem-estar do cão domésticos mantendo-os em um ambiente confortável, livres de doenças e medo, sede e fome, e permitindo que sejam livres para expressar seu comportamento natural.

Alguns conceitos relacionados a frequência com que o animal visita o veterinário e manutenção do cartão de vacinação e vermifugação em dia precisam ser repensados, pois a saúde física e emocional do cão depende de ações simples que podem mantê-lo sem doenças e verminoses que podem ser fatais.

REFERÊNCIAS

- DUNCAN, I. J.H.; FRASER, D Entendendo o bem-estar animal. **Em appleby, m.c Hughes, Bo.** Bem-estar animal. Londres: Ed. Cab Internacional, 1997.p. 19-31
- FARACO, C. B.; **Animais em sala de aula:** um estudo das repercussões psicossociais da intervenção mediada por animais. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- LUNA, S. P. L.; Dor, Senciência e Bem-estar em Animais: senciência e dor. **Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia,** Unesp, Campus de Botucatu, São Paulo, suplemento 1. p. 17-21 – abril, 2008.
- OLIVEIRA, K.S. **Manual de boas práticas na criação de animais de estimação.** Goiânia: Cir gráfica e editora, 2019. 40p.
- RIO DE JANEIRO (Estado) Decreto nº 24.645, de 10 de julho de 1934. **Lex: Coleção de leis do Brasil,** Rio de Janeiro, vol. 04 pag. 720, 1934.
- SCHOENAU, W. **Seminário de responsabilidade técnica Sanidade animal e saúde pública.** Cebbea Crmv-Rs, Erechim, 2016.p.01-30.
- UNESCO-ONU; **Declaração Universal dos Direitos dos Animais,** Bruxelas- Bélgica, 27 de Janeiro de 1978 p. 1,2.

APÊNDICE

BEM ESTAR DO CÃO DOMÉSTICO

Objetivo: relatar se as práticas de bem-estar do cão vêm sendo promovidas através de seus tutores.

- 1 Você possui cão de estimação em casa? () Sim () Não
- 2 Quantos cães você possui? () 1 () 2 () 3 () 4 ou +
- 3 O seu (s) cão (es) foi: () Comprado(s) () Adotado(s) () Ganhado(s) () Nascido(s) na residência
- 4 Você mora em: () Apartamento () Casa () Chácara () Fazenda
- 5 Quais dos itens abaixo você entende que faça parte do bem-estar dos cães: () Alimentação () Ambiente confortável () Saúde física () Restrição alimentar () Cuidados em pet shop
- 6 Para você castração faz parte do bem-estar do seu animal? () Sim () Não
- 7 Quais cuidados que você teve com seu animal recentemente: () Consultas ao veterinário () Vacinas () Banhos e tosas () Remédios () Exames () Brinquedos
- 8 A alimentação do seu animal é: () Ração () Comida caseira () Comida caseira e ração () Ração e sache/patê
- 9 Com qual frequência você leva o seu cachorro ao veterinário? () Somente quando está doente () 1 vez a cada 2 anos () A cada semestre () 1 vez ao ano () Nunca levei
- 10 Com qual frequência você vermífuga/vacina o seu cachorro? () A cada seis meses () Uma vez ao ano () Somente quando há campanha () Nunca
- 11 Os 5 direitos dos animais são: ser livre de fome e sede, ser livre de desconforto, ser livre de doenças, ser livre de estresse e medo e ser livre para expressar os comportamentos naturais da espécie. Você conhecia esses direitos? () Sim () Não () Alguns
- 12 Diante das perguntas feitas acima, você segue as normas de bem-estar animal? () Sim () Não

CÃO COM SIALOCELES MANDIBULAR: RELATO DE CASO

OLIVEIRA, Larissa Silva de¹, MARTINS, Isadora Ribeiro¹, FREITA, Lorrane Silva Ribeiro de¹, OLIVEIRA, Luciana Naves Fonseca¹, PIRES, Marina Valeriano¹, SILVA, Danilo Rezende², PIVETA, Lidiana Cândida².

⁽¹⁾ Estudante de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Goiás - Uni-ANHANGUERA;

⁽²⁾ Docente do Centro Universitário de Goiás - Uni-ANHANGUERA

Palavras chave: Glândula salivar, Mucoceles e Sialólito.

INTRODUÇÃO

A sialocele é uma afecção que acomete as glândulas salivares de cães resultando em uma inflamação tecidual decorrente do acúmulo de saliva no tecido subcutâneo (Ritter & Stanley, 2012). Esta patologia, também denominada mucocele salivar, se manifesta de forma aguda com um aumento de volume geralmente indolor e flutuante, mas podendo também ser doloroso e fixo (Kaiser *et al.* 2016). (Figura1)

O diagnóstico da sialocele é feito pelo exame físico geral, citologia aspirativa e exame de imagem da região acometida (Torad & Hassan, 2013). Algumas raças como o dachshund, pastor alemão, poodles e silky terriers australianos, apresentam maior predisposição, as causas mais frequentes pode ser lesão por corpos estranhos, trauma abrupto ou sialólito, entre outros (Han *et al.* 2016). O tratamento mais indicado costuma ser a remoção das glândulas e ductos acometidos (Kaiser *et al.* 2016).

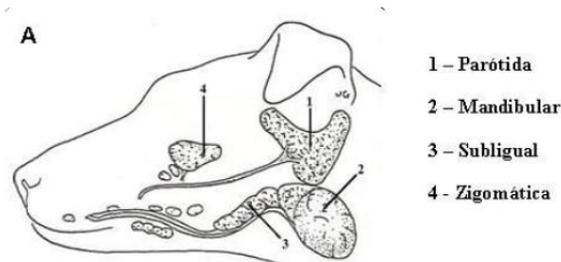


Figura 1- Desenho esquemático das glândulas salivares no cão.
Fonte: Feitosa, 2014.

A sialoceles pode acometer cães de qualquer idade, inclusive indivíduos saudáveis, com acúmulo de saliva causando a obstrução das vias aéreas superiores, levando a dificuldades respiratórias. O tratamento pode ser conservador com uso de antiinflamatórios ou cirúrgico com excisão da glândula acometida, sendo o prognóstico cirúrgico favorável com melhoria de qualidade (Furtado *et al.*, 2017).

RELATO DE CASO

Uma cadela raça Pinscher, fêmea, 12 anos, peso 4,2 kg, foi encaminhado ao LHMVTO (Laboratório de Habilidade Médica Veterinária e Técnicas Operatórias) do Centro Universitário Uni-Anhanguera para uma consulta, com histórico do aumento de volume na região submandibular, com consistência flutuante. A proprietária relatou histórico de periodontite avançada e a realização de procedimento de remoção de cálculo dentário com extrações dentárias. Após o tratamento periodontal a paciente apresentou aumento gradativo de volume, indolor na região submandibular.

Na avaliação física a paciente apresentou estado de alerta, comportamento normal, apresentando escore 4 e os parâmetros vitais sem alterações. As mucosas estavam normocoradas, com leve hiperemia e edema na região periodontal. Linfonodo pré-escapular hipertrofiado, aumento de volume pendulado na região submandibular medindo aproximadamente 4cm X 3cm, com consistência flutuante. Quando era exercida leve pressão sobre o cisto a paciente apresentava reflexo de deglutição. O volume da coleção líquida diminuiu com a palpação e ao fim do exame media aproximadamente 2cm X 2cm. (Figura 2)

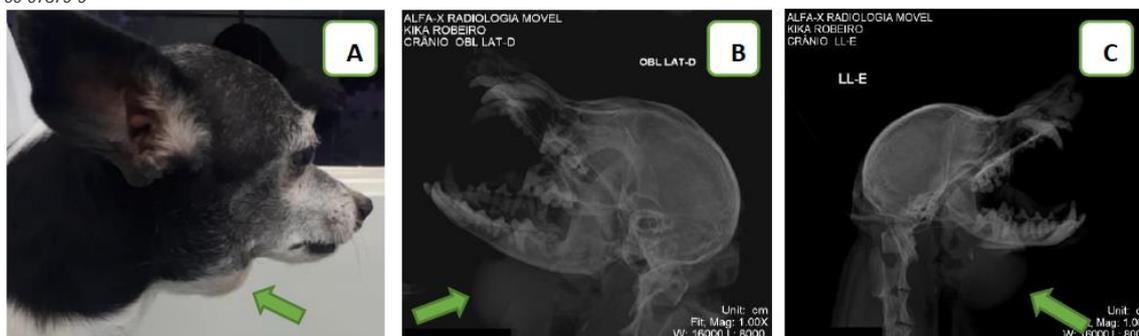


Figura 2. A – Visualização do aumento de volume na região cervical ventral no paciente. B – Radiografia do crânio, posição oblíqua lateral direita, seta verde indicando acúmulo de líquido. C – Radiografia do crânio, posição Lateral esquerda, podendo observar na seta verde o acúmulo de líquido na região cervical.

DISCUSSÃO

A Sialoceles é o acúmulo de saliva no tecido subcutâneo proveniente da glândula ou dos ductos salivares danificados por tecido de granulação (Hedlund, 2002; Rahal *et al.*, 2003), ou presença de urólitos, sendo mais frequentes em cães do que em gatos (Rahal *et al.*, 2003; Fossum, Duprey, O’connor, 2008). O surgimento da afecção normalmente ocorre após trauma nas estruturas anatômicas, como descrito no paciente, o surgimento dos sintomas após procedimento dentário (Nelson & Couto *et al.*, 2001).

O diagnóstico de sialoceles é baseado principalmente na anamnese, sinais clínicos, exame físico e exames complementares, como radiografia e exames citológicos. (Gioso, 2007). A paciente apresentou aumento de volume indolor, gradativo como descrito, consistência flutuante, com imagem radiografia radiopaca submandibular, caracterizando acúmulo de líquido na região. Na citologia aspirativa o conteúdo coletado apresentava sem odor, transparente e viscoso.

O tratamento indicado foi a exérese da glândula mandibular afetada, como descreve Fossum (2002), mesmo sendo mais invasivo o prognóstico é favorável com baixo índice de recidivas.

CONCLUSÃO

A mucocele é uma patologia pouco frequente, mas de grande importância clínica de pequenos animais, sendo necessário o conhecimento anatômico e realização de um exame físico bem feito para um diagnóstico e tratamento corretos.

REFERÊNCIAS

- FURTADO, MCS; ALVES, RSA; VASCONCELOS, RH; BEZERRA, WGA; COSTA, PPC. 2017. **Mucocele faríngea em cães – Revisão de literatura.** *Revista Brasileira de Higiene e Sanidade Animal* (v.11, n.4) p. 448 – 455, out - dez (2017).
- FOSSUM, T.W. **Cirurgia De Pequenos Animais.** 3 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. Cap. 22, p. 595-598.
- GIOSO, M. A.; **Odontologia Veterinária para o Clínico de Pequenos Animais.** 2ª ed. São Paulo: Manole, p.109-112, 2007
- HAN H; MANN FA, PARK JY. 2016. **Canine Sialolithiasis: Two Case Reports with Breed, Gender, and Age Distribution of 29 Cases (1964–2010).** *Journal of the American Animal Hospital Association.* 52⁽¹⁾:22-26.
- HEDLUND, C.S.. **Surgery of digestive system..In: Small Animal Surgery** , 2 nd ed. Mosby.St Louis. p.302-305, 2002.
- NELSON, R.W.; COUTO, C.G., **Fundamentos de Medicina Interna de Pequenos Animais,** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 322-42, 2001.
- RAHAL, S. C.; NUNES, A. L.; TEIXEIRA, C. R.; CRUZ, M. L. **Salivary mucocele in a wild cat.** *Can. Vet. J.* 44. p.933–934,2003
- RITTER MJ, von PFEIL DJF, STANLEY BJ, et al. 2006. **Mandibular and sublingual sialoceles in the dog: A retrospective evaluation of 41 cases, use the ventral approach for treatment.** *New Zealand Veterinary Journal.* 54(6):333-337.
- SANTANA, C. L. et al. **MUCOCELE SALIVAR COMPLEXA EM CÃO – RELATO DE CASO.** *Revista de Educação Continuada em Medicina*

Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP, v. 12, n. 2, p. 55-56, 28 nov. 2014.

TORAD FA, HASSAN EA. 2013. **Clinical and ultrasonographic characteristics of salivary mucoceles in 13 dogs.** *Veterinary Radiology and Ultrasound.* 54(3):293-298.

KAISER S, THIEL C, KRAMER M, et al. 2016. **Complications and prognosis of cervical sialoceles in the dog using the lateral surgical approach.** *Tierärztliche Praxis Kleintiere.* 5:323-331.

DEMODOSE GENERALIZADA EM CÃO DA RAÇA SHITZU: RELATO DE CASO

OLIVEIRA, Larissa Silva de¹, FREITA, Lorrane Silva Ribeiro de¹, OLIVEIRA, Luciana Naves Fonseca¹, PIRES, Marina Valeriano¹, PIVETA, Lidiana Cândida².

⁽¹⁾ Estudante de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Goiás - Uni-ANHANGUERA;

⁽²⁾ Docente do Centro Universitário de Goiás - Uni-ANHANGUERA

Palavras chave: Sarna, Ácaro e Dermatologia.

INTRODUÇÃO

A sarna demodécica, também conhecida como demodicose, é uma afecção inflamatória da pele que ocorre pela proliferação excessiva de ácaros do gênero *Demodex* (Silva, 2018). Este parasito, e outras espécies deste gênero, vivem como comensais na pele da maioria dos mamíferos, onde passam a maior parte do seu ciclo de vida nos folículos pilosos e nas glândulas sebáceas do hospedeiro. Os *Demodex* sp. instalados no tecido cutâneo vão se alimentar das células da epiderme, avançando pelo epitélio e provocando uma inflamação (Scott *et al.*, 2001; Bowman, 2010; Fernandes *et al.*, 2010; Silva *et al.*, 2018).

A demodicose canina é uma dermatopatia de alta relevância na clínica de pequenos animais, apresentando consideráveis casos desta disfunção na rotina veterinária e sendo relativamente grave quando não diagnosticada e tratada adequadamente (Toledo, 2009). Esta pode estar ligada a fatores como desordens genéticas ou imunológicas, a administração de fármacos imunossupressores, algumas doenças sistêmicas, estresse, desnutrição e parasitismos (Mueller, 2004; Campbell, 2005).

Existem algumas raças de cães que são mais suscetíveis a esta enfermidade, e a distribuição das lesões podem ser localizada ou generalizada (Patel & Forsythe 2010). As infecções localizadas geralmente se erradicam naturalmente sem nenhum tratamento solicitado, acometendo mais a animais jovens. As lesões generalizadas, mais comum em adultos e idosos, são a forma mais grave, com progressão lenta, danificando a pele, resultando na descamação, formação de crostas, eritema, hiperpigmentação, liquefação e infecções bacterianas secundárias, principalmente com lesões na região da cabeça, tronco e extremidades de membros (Brito, 2018; Silva *et al.*, 2008).

RELATO DE CASO

Um cão macho da raça Shitzu, 7 anos, peso 7,5Kg, foi levado ao LHMVTO da universidade Uni-ANHANGUERA para uma consulta, apresentando prurido, alopecia disseminada, escoriações na cabeça e região pélvica. Na anamnese o proprietário relatou que o animal foi adotado há poucos dias e estava com vacinação e desverminação atualizados.

Na inspeção o animal estava em alerta, comportamento normal, escore corporal 5, as costelas, vertebrae lombares e pelve de fácil palpação, sem cobertura adiposa excessiva. Os parâmetros vitais normais, frequência cardíaca 128bpm e frequência respiratória 20rpm. Apresentava linfadenomegalia (aumento no tamanho dos linfonodos mandibulares, pré-escapulares, inguinais, mamários e poplíteos).

Ao examinar a pele e anexos, foi observado um pelo opaco e alopecia disseminada, hiperpigmentação e hiperqueratose generalizada, presença de pústulas na região do dorso, sensibilidade ao toque, perda de

elasticidade da pele, aumento de temperatura, eritema na região ventral e nas extremidades dos membros, casca generalizada. Presença de alteração sólida na região do jarrete MPE, medindo 1,5cmX0,8cm.

O diagnóstico foi realizado através do raspado direto e a visualização do ácaro *Demodex* sp. na forma adulta e larval. Na microscopia corada constatou a presença de *Staphilococos*.

O tratamento foi realizado com antibioticoterapia de amplo espectro, a enrofloxacina 5mg/kg/BID por 30 dias e ivermectina 4mg/kg/sc a cada 7 dias. Tratamento tópico, banhos com peróxido de benzoila a 2,5%, a cada 7 dias e limpeza das feridas com rifomicina a cada 12h.



Figura 1. Paciente durante o tratamento. **A** – Eritema e alopecia no membro posterior esquerdo. **B** – Eritema na região torácica. **C** – Alopecia generalizada, visível no dorso do animal.

DISCUSSÃO

A demodicose canina é uma afecção caracterizada pela reação inflamatória cutânea sobre condições obrigatórias da quantidade anormal de ácaros *Demodex* sp. e um estado de imunossupressão do animal (Conte, 2008).

A forma generalizada da demodicose, apresentada no referente caso clínico, atinge com maior incidência animais de idade adulta a idosos, podendo haver a presença de bactérias oportunistas, resultando até mesmo ao óbito do animal (Santarem, 2007). Decorrente de um sistema imunológico comprometido, tratamento com imunossupressores, subnutrição, diabetes melitos ou processos neoplásicos (Medleua; Hnilica, 2009; Toledo, 2009).

Os sinais clínicos mais observados nesta dermatopatia incluem alopecia, eritema, hiperpigmentação, principalmente prurido, como observado no relato (Medleau & Hnilica, 2008). O método utilizado para o diagnóstico é o raspado cutâneo profundo, permitindo realizar o diagnóstico diferencial para foliculite bacteriana, dermatofitose e dermatite por contato (Rhodes, 2005). Independente do protocolo terapêutico acaricida escolhido, o tratamento requer longa duração, podendo variar de um prognóstico favorável a reservado, onde é possível haver recidivas, determinando tratamentos periódicos ou por toda a vida do animal, como preconizado no caso. Houve a indicação de orquiectomia do paciente, pelo relatado na literatura da demodicose generalizada exibir predisposição hereditária (Medleau & Hnilica, 2008).

CONCLUSÃO

A sarna Demodécica é uma dermatopatia que se manifesta associada à imunossupressão com a presença e multiplicação desregulada do ácaro *Demodex* sp., de grandes desafios nas clínicas veterinárias. Embora seja uma doença de fácil diagnóstico, seu tratamento e prognóstico são prolongando e variados, exigindo muito atenção a esta afecção.

REFERÊNCIAS

- BRITO, C. *et al.* **Relato de Caso: Controle da Sarna Demodéica em Cão Utilizando Moxidectina**. Revista Científica União das Faculdades dos Grandes Lagos. V.1, n.1. 2018.
- BOWMAN, D. D. **Parasitologia Veterinária**, 9ª edição, Rio de Janeiro: Editora Elsevier, p.69, 308 e 35, 2010.
- CAMPBELL, K. L. **Other External Parasites**. In: Ettinger SJ, Feldman EC, editores. Textbook of Veterinary Internal Medicine. Diseases of the dog and cat. 6ª ed. Missouri: Elsevier Inc.; p. 66-67, 2005.
- CONTE, A. P. **Demodicose Canina Generalizada: Relato de Caso**. Braço do Norte: Universidade Castelo Branco, Curso de Pós-Graduação em Medicina Veterinária- Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais, 2008. TCC de Especialização.
- FEITOSA, F. L.F **Semiologia veterinária: A arte do diagnóstico**. São Paulo: Roca, 2014.
- FERNANDES, J. I. *et al.* **Eficácia do nim (*Azadirachta indica*) no controle de Demodex canis (Ieydig, 1859) em cães**. Revista Brasileira de Medicina Veterinária, v. 32, n. 1, p.59-63, 2010.
- MEDLEAU, L.; HNILICA, K. A. **Dermatologia de pequenos animais atlas colorido e guia terapêutico**. São Paulo: Roca, 2009. 104-105 p.
- MUELLER, R. S. **Treatment protocols for demodicosis: an evidence based review**. Veterinary Dermatology; 15:75-89, 2004.
- PATEL, A., FORSYTHE. P. **Dermatologia em pequenos animais**, 1ª edição, Rio de Janeiro: Editora Elsevier, p. 155 -156, 2010.
- RHODES, K. H. **Dermatologia de pequenos animais consulta em 5 minutos**. Rio de Janeiro: Revinter, 2005. 133, 203-209 p.
- SILVA1, R. P. B; BELETTINI2, S. T; STEL3, R. F; MARTINS4, L. A; PACHALY5, J. R. **Sarna demodéica canina e suas novas perspectivas de tratamento** - revisão. Arq. Ciênc. Vet. Zool. Unipar, Umuarama, v. 11, n. 2, p. 139-151, jul./dez. 2008.
- SILVA, R. S. *et al.* **Malasseziose Secundária A Sarna Demodéica Generalizada Em Um Canino: Relato De Caso**. XXIII Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão. UNICRUZ, RS, Out. 2018.
- SCOTT D.W., MILLER W.H., GRIFFIN C.E. 2001. **Doenças parasitárias da pele**, p.423-427. In: Ibid. (Eds), Muller e Kirk, **Dermatologia de Pequenos Animais**. 6ª ed. Interlivros Edições Ltda, Rio de Janeiro. 1130p.
- TOLEDO, F. G., **Demodicose Canina**. Faculdades Metropolitanas Unidas, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://arquivo.fmu.br/prodisc/medvet/fgt.pdf>. Acesso em: 02 de novembro de 2019.

DISPLASIA COXOFEMORAL GRAU IV EM CÃES - RELATO DO CASO

ABREU, Matheus Rodrigues de¹, SILVA, Mirlainy Valéria Ferreira Da¹, AMORIM, Ana Brígida Ribeiro¹, ARAUJO, Taisa Faria¹, FERREIRA, Kamilla Dias²

⁽¹⁾ Estudantes de Medicina Veterinária, FAMA, Anápolis, GO, Brasil

⁽²⁾ Docente, Departamento de Medicina Veterinária, FAMA, Anápolis, GO, Brasil

Palavras - chave: claudicação, diagnóstico, displasia.

INTRODUÇÃO

A articulação coxofemoral é do tipo sinovial, que concede movimentos livres e amplos, ao contrário de outras articulações que apresentam grau de movimento muito pequeno a inexistente. Podendo ser denominadas de articulações móveis ou verdadeiras, onde todas as articulações sinoviais têm algumas características em comum, incluindo superfícies articulares nos ossos, cartilagem e cavidade articular preenchida com fluidos, além da presença de uma cápsula articular e ligamentos que possibilitam manter a articulação unida (COLVILLE et al., 2010). A composição da mesma, inclui a fusão dos ossos ílio, ísquio e púbis formando o acetábulo, onde a cabeça femoral se articula, dando o nome desta articulação de coxofemoral (GETTY, 2008).

Desta forma, a displasia coxofemoral é uma doença articular que acomete principalmente cães de grande porte (GEROSA, 1995). É formada por uma alteração na cabeça, colo do fêmur e acetábulo, sendo sua transmissão hereditária, recessiva, intermitente ou poligênica (SOMMER et al., 1998).

Objetivou-se com este trabalho relatar o caso de um cão, macho, Dogo Argentino, com 8 meses de idade com diagnóstico de displasia coxofemoral em grau IV.

MATERIAIS E MÉTODOS

O animal avaliado foi um cachorro, da raça Dogo Argentino, com 8 meses de idade, macho, 33 kg, cuja queixa do proprietário era que o animal apresentava claudicação intermitente, do membro pélvico direito, além de ser menos ágil que os demais animais.

Na avaliação física, observou que o animal estava se alimentando de forma normal 3 vezes ao dia, desverminado, vacinado, fezes e urinas normais e não castrado. Já na avaliação clínica as mucosas apresentavam-se normocoradas, os linfonodos não reativos, frequência respiratória 24 rpm, frequência cardíaca 76 bpm, pulsação femoral rítmica, turgor cutâneo normohidratado, e temperatura retal 38,5°C. Diante do quadro apresentado pelo animal, foi realizado um exame radiográfico da região pélvica, na posição ventro-dorsal da articulação coxofemoral do membro posterior.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo (WIGGER, 2008) as imagens radiográficas obtidas das articulações coxofemorais são classificadas de acordo com as alterações apresentadas em acetábulos, cabeças e colos femorais, osteófito circunferencial, linha de Morgan e esclerose metafisária, caracterizando a displasia, de acordo com o grau de comprometimento das articulações, podendo ser classificada até o grau 5.

Através do diagnóstico baseado na história, sinais clínicos e exame radiográfico deste caso, obteve-se o laudo radiográfico, apresentando acetábulos direito e esquerdo acentuadamente rasos, com margens irregulares, com sinais de presença de osteófitos e esclerose, com articulações coxofemorais incongruentes.

A cabeça e coxo femorais deformados, articulação coxofemoral esquerda (luxada) com angulação menor que 90° e articulação coxofemoral direita (subluxada) com angulação articular menor que 90°. Desta forma o estudo radiográfico sugestivo foi de displasia coxofemoral bilateral grau IV.



Figura 1. Luxação no membro pélvico esquerdo e subluxação no membro pélvico direito de um cão da raça Dogo Argentino do sexo masculino.

Fonte: Arquivo Pessoal, 2019.

Optou-se pela realização do tratamento cirúrgico, com a realização da osteostomia, juntamente com a medicação analgésica para diminuir a dor do animal. Segundo (PAYNE, 2019) o tratamento cirúrgico, para casos considerados graves, é o procedimento mais utilizado para devolver a funcionalidade do membro afetado com a displasia. Já o tratamento clínico é baseado na utilização de analgésicos, anti-inflamatórios não esteroidais, no intuito de amenizar a dor, possibilitando uma melhor qualidade de vida ao animal.

CONCLUSÃO

Conclui-se neste relato a importância da avaliação radiográfica para fechamento do diagnóstico de displasia coxo femoral. É uma doença de grande importância diagnóstica, por isso deve ser feito um estudo radiográfico dos membros pélvicos a fim de optar-se pela melhor forma de tratamento deste modo, neste relato o exame radiográfico foi essencial para o exame complementar para diagnosticar e tratar o animal.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- COLVILLE, T. P.; BASSERT, J. M. O sistema esquelético. In: _____. **Anatomia e fisiologia clínica para medicina veterinária**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. p. 163-191.
- GEROSA, R. M. La displasia de la cadera desde una visión biomecânica. **Revista de Medicina Veterinária**, v. 76, p. 69 -71, 1995.
- GETTY, R. Osteologia Geral. In: _____. **Anatomia dos animais domésticos**. v. 1, 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. p. 19-37.
- PAYNE, W. J. **Displasia Coxofemoral**. Disponível em: < www.vidadecao.com.br>. Acesso em: 25 out. 2019.
- SOMMER, E. L.; FRATOCCHI, C. L. G. Displasia Coxofemoral. **Revista de Educação Continuada do CRMV-SP**. São Paulo, fascículo 1, volume 1, p.031-035, 1998.
- WIGGER, A. Influence of femoral head and neck conformation on hip dysplasia in the German Shepherd Dog. **Veterinary Radiology & Ultrasound**, Malden/MA, United States, v. 49, n.3, p. 243-248, 2008.

DOENÇA PERIODONTAL EM CADELA: RELATO DE CASO

FREITA, Lorrane Silva Ribeiro de¹, OLIVEIRA, Larissa Silva de¹, OLIVEIRA, Luciana Naves Fonseca¹, PIRES, Marina Valeriano¹, PIVETA, Lidiana Candida 2.

⁽¹⁾ Estudante de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Goiás - Uni-ANHANGUERA;

⁽²⁾ Docente Doutora do Centro Universitário de Goiás - Uni-ANHANGUERA;

Palavras-chave: Gengivite, Periodontite, Halitose.

INTRODUÇÃO

As doenças que alteram a estrutura e/ou funcionalidade gengival, osso alveolar, o cemento e o ligamento periodontal são determinadas como doença periodontal, uma patologia da cavidade oral frequente na rotina de atendimento dos médicos veterinários, para os cães e gatos (Santos; Carlos; Albuquerque, 2012). Rezende *et.al* (2004) relata que a doença periodontal acomete até 85% dos cães adultos.

As doenças periodontais tem como causa a resposta imunológica do animal ao desenvolvimento da placa bacteriana, composta por bactérias patogênicas e proliferativas, células linfocitárias, proteínas salivares, células epiteliais, polissacarídeos gerados pelas bactérias e substratos alimentares (Garcia *et.al* ,2008). E esses componentes em contato com a gengiva por períodos ininterruptos são os agentes causadores de inflamação e lesão local, denominada gengivite. A proliferação dos cálculos dentários acarreta danos e perdas teciduais ao periodonto de sustentação causando a periodontite, que pode ser classificada em diferentes níveis de gravidade (leve, moderada e severa) dependendo da sua extensão de comprometimento (Meneses,2011; Steffens & Marcantonio,2018).

Diversas situações predispõem a formação e desenvolvimento das doenças periodontais nos cães, a raça, idade, genética, anomalias, oclusão dentária, alimentação, afecções sistêmicas (distúrbios hepáticos, renais e hormonais), animais imunossuprimidos, ineficiência de produção salivar, presença de bactérias patogênicas e ainda baixo bem-estar nutricional, ambiental ou fisiológico (Ferreira, 2012). Para Parreira *et.al* (2018), os sinais clínicos consequente desses fatores variam de acordo com o nível de acometimento e evolução das placas dentárias, causando hiperplasia gengival, sangramentos, mobilidade dentária, perda óssea, halitose e perda dentária.

RELATO DE CASO

Uma cadela da raça Pug, não castrada, 11 anos e peso 12,9 kg, foi encaminhada ao Laboratório de Habilidades Médicas Veterinárias e Técnicas Operatórias (LHMVTO) do Centro Universitário de Goiás- Uni-ANHANGUERA, em setembro de 2019, manifestando halitose e dificuldade ao mastigar alimentos duros. Durante a anamnese foi relatado pelo tutor, que periodicamente era oferecido a esse animal alimentos da dieta humana, como ovo, pão e carne.

No exame físico geral a cadela apresentava nível de consciência e comportamentos normais, escore corporal 7, sem alterações visíveis de pele e parâmetros vitais normais. Na inspeção da cavidade bucal verificou a presença de cálculos dentários, mobilidade dentária, inflamação gengival com edema, hiperemia e leve sangramento, sensibilidade ao toque. Os incisivos inferiores apresentavam-se desalinhados, quando a paciente fechava a boca havia alteração na mordedura com avanço da mandíbula, caracterizando o prognatismo. Na olfação era marcante a halitose com odor fétido.

O diagnóstico da periodontite moderada foi estabelecido pela presença do cálculo subgengival, gengivite e a perda dos tecidos de sustentação dos dentes. Foi indicado o procedimento de remoção dos cálculos dentários e o proprietário orientado para necessidade de estabelecer protocolo preventivo da formação da placa, com a escovação diária e o uso exclusivo de ração.



Figura 1. A- Presença de cálculo dentário. B- Avanço da mandíbula, prognatismo. C- Exposição gengival com hiperemia e dente pré-molar superior apresentando placas bacterianas, mobilidade e inflamação do tecido de sustentação.

DISCUSSÃO

De acordo com Rezende (2004), a idade é comprovada como um fator diretamente proporcional à formação de placas bacterianas e a severidade de evolução. Menezes (2013) observa que, 85 a 95% dos cães acima de seis anos de idade, como no caso da cadela relatada, manifestam algum grau de doença periodontal.

Ferreira (2012) revela que cães de raças puras e de porte pequeno a mini, tem se mostrado mais propensos a periodontite do que aqueles sem raça definida e de porte médio a grande, por possuírem menor extensão óssea da cavidade bucal, reduzindo assim o espaço de movimentação lingual para a retirada de porções de alimentos inter-dentário. Santos, Carlos, Albuquerque (2012) relataram que raças braquicefálicas, como os Pugs, apresentam o apinhamento dos dentes, o que colabora para a deposição de placas bacterianas e outras inflamações pela dificuldade de mastigação e acesso a higienização destes dentes mal posicionados (Gusmão *et.al*, 2011). O prognatismo como visto na paciente interfere na oclusão dos dentes e na maior aproximação destes, corroborando ao acúmulo de resíduos alimentares e colonização bacteriana (Menezes, 2013).

A diversidade da dieta fornecida a este animal pode ter interferido negativamente na saúde bucal. Alimentos com consistência macia como ovo, pão e carne, mencionados como parte da dieta deste animal, possuem pouca rigidez ao contato com os dentes, não obtendo fricção satisfatória para a higienização e

permitindo acúmulo destes alimentos na superfície dentária, durante a mastigação (Venturini, 2006). Parreira (2018) evidencia a importância do uso de ração seca, como indicado no relato, devido sua textura firme e presença de componentes que auxiliam a dissolução das placas bacterianas.

Para Penteado, Auto, Penteado (2010) a extração da placa e cálculo dentário se faz necessária para minimizar a evolução da doença periodontal e de extrema importância para a limpeza superficial dentária melhorando o efeito da escovação como controle diário.

CONCLUSÃO

A afecção periodontal é uma das principais queixas nos consultórios veterinários, nos pacientes acima de cinco anos, apresentando gengivite, halitose, mobilidade e perda dentária e diminuição da qualidade de vida. O aparecimento destes sinais clínicos tem como causa a presença da placa bacteriana pela má formação dos dentes, dieta inadequada e a falta do controle higiênico dentário diário. O tratamento para a remoção da placa dentária utiliza o aparelho de ultrassom dental com o animal sob efeito de anestesia e a escovação diária para manutenção de uma boca saudável.

REFERÊNCIAS

- GARCIA, C.Z. *et al.* **Doença periodontal em cães.** Rev. científica eletrônica de medicina veterinária. Ano VI, Número 11. Periódicos Semestral. Julho. 2008.
- GUSMÃO, E.S. **Relação entre dentes mal posicionados e a condição dos tecidos periodontais.** Rev. Dental Press J Orthod. Julho/agosto. 2011.
- FERREIRA, B. M.T. **Doença periodontal no cão caracterização da doença periodontal no hospital veterinário Montenegro estudo 50 casos.** Dissertação (obtenção do Grau de Mestre em Medicina Veterinária). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa. 2012.
- MENESES, T.D. **Doença periodontal e glomerulonefrite em cães.** Dissertação (obtenção do Grau de Mestre em Medicina Veterinária). Universidade Federal de Goiás. Goiânia. 2013.
- MENESES, T. D. **Implicações clínicas da doença periodontal em cães.** Seminário apresentado junto à Disciplina Seminários aplicados do Programa de Pós-Graduação. Universidade Federal de Goiás. Goiânia. 2011.
- REZENDE, R.J. *et al.* **Frequência de placa bacteriana dental em cães.** Dissertação (obtenção do Grau de Mestre em Medicina Veterinária). Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. 2004.
- SANTOS, N. S.; CARLOS, R.S.A.; ALBUQUERQUE, G.R. **Doença periodontal em cães e gatos- revisão de literatura.** Revista Científica de Medicina Veterinária - Pequenos Animais e Animais de Estimação. 2012.
- VENTURINI, M.A.F.A. **Estudo retrospectivo de 3055 animais atendidos no odontovet (Centro Odontológico Veterinário) durante 44 meses.** Dissertação (obtenção do Grau de Mestre em Medicina Veterinária). Universidade de São Paulo. São Paulo. 2006.
- PENTEADO, L.A.M.; AUTO, V.C.; PENTEADO, R.A.P.M. **Avaliação in vitro da sensibilidade tátil e resistência a instrumentação na remoção de cálculos dentários artificiais - estudo piloto.** Rev. Periodontia, v. XX, n. 01, março 2010.
- PARREIRA, B, F.S.G. *et al.* **Periodontite e os fatores predisponentes em cães idosos.** Rev. Investigação, v.17. 2018.

EQUOTERAPIA NO TRATAMENTO DE DOENÇAS

SOUSA, Ana Clara Moreira de¹; MIRANDA, Ana Elisa Matias¹; FULLIN, Anjessica Lopes¹; SILVA, Gabriella Wolney¹;
LIMA, Luis Felipe Veras¹; AMARAL, Marisa Costa².

¹Acadêmicos do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Goiás - Uni-ANHANGUERA.

²Profª M.ª do Centro Universitário de Goiás – Uni-ANHANGUERA

PALAVRAS-CHAVE: Equinos. Manga-larga. Eficiência. Interação social. Paciente.

RESUMO

A Equoterapia é um estilo de método terapêutico que faz o uso de equinos para o tratamento de doenças tanto físicas quanto mentais. Ao longo da sessão há mudanças de posicionamento para desenvolver diversas reações no paciente, no intuito de estimular a interação social e educacional através dos recursos pedagógicos, nessas sessões sempre há profissionais acompanhando os pacientes. Geralmente são utilizados solos de areia ou gramado de acordo com a necessidade de cada paciente. Os cavalos são animais sociáveis que necessitam de contato diário com outros cavalos, por isso é de suma importância a disciplina nos cuidados diários destes animais. O objetivo deste trabalho é demonstrar a eficiência da equoterapia no tratamento de doenças. Os alunos de Medicina Veterinária do Centro Universitário Uni-Anhanguera realizaram uma entrevista na Casa De Eurípedes com os responsáveis legais dos pacientes e com os terapeutas. Através das entrevistas observou-se que houve resultados satisfatórios no tratamento destes pacientes assim como foi notado que há qualidade no bem-estar dos animais.

INTRODUÇÃO

A equoterapia é um método terapêutico que utiliza os cavalos como abordagem nas áreas da saúde, buscando o avanço biopsicossocial de pessoas com deficiências tanto física como mentais, conforme a Associação Nacional de Equoterapia (ANDE, 2011).

Nestes últimos anos, houve um crescimento significativo no interesse dos profissionais na área da equoterapia, gerando assim oportunidade de pesquisas científicas nesta área (CHELINI; OTTA, 2016).

Para a prática da equoterapia é necessário que o paciente apresente todos os laudos médicos comprovando a necessidade de utilizar a equoterapia como tratamento. A cada sessão o paciente fica em torno de 30 minutos montado no cavalo, alternando-se as posições com o objetivo de desenvolver diversas reações, sendo o paciente submetido ao longo do percurso a utilizar recursos pedagógicos com intuito de promover uma interação social e educacional (OLIVEIRA; FUMES; MOURA, 2015).

O paciente é conduzido normalmente por profissionais, como o Educador físico, terapeuta ocupacional, fisioterapeuta, entre outros. Além disso, em cada sessão é oferecido a cada paciente o equipamento de acordo com suas necessidades, de forma que seja eficiente para evolução do paciente. Deve-se levar em conta também que há a utilização de dois solos, campo de areia e gramado (AQUINO, 2007).

Os cavalos usados nos tratamentos assim como qualquer outro, necessitam de contato diário por um determinado tempo com outros cavalos, necessitam de exercícios regulares e uma dieta balanceada. Condições de isolamento social trazem a essas animais anormalidades de comportamento e baixo grau de bem-estar (BROOM; FRASER, 2010).

De acordo com Cheelini; Otta (2016), a equoterapia é um meio de tratamento que já mostrou resultado em diversas doenças, mas ainda é um método pouco reconhecido. Apesar de toda dedicação dos profissionais na área, falta conhecimento populacional sobre a eficiência deste tratamento e a importância da utilização do cavalo).

O objetivo deste estudo foi demonstrar a equoterapia no tratamento de doenças.

MATERIAL E MÉTODOS

A entrevista foi realizada na Casa de Eurípedes, localizada na Rua Ana Luiza de Jesus número 91, no setor Rio Formoso, município de Goiânia- GO, CEP:74370-030. A coleta de dados foi feita pelos responsáveis dos pacientes e pelos responsáveis do centro de equoterapia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a entrevista realizada na Casa de Eurípedes foi possível verificar, através de informações concedidas pela responsável de um dos pacientes, a facilidade ao início do tratamento em relação aos outros centros de equoterapia devido ao sistema particular, que mesmo sendo privado o preço é acessível à população, além disso há o método de apadrinhamento para os pacientes carentes.

Pode-se notar a eficiência da equoterapia no tratamento de doenças, como em um dos pacientes que possui Autismo Grau 3 que tem como características a impaciência, agressividade, dificuldade de interação social, hiperatividade. No seu âmbito familiar notou-se a melhora em relação ao convívio social, no contato com os animais e a diminuição da sua ansiedade. No início do tratamento é pouco provável obter resultados concretos. Porém, para ter resultados satisfatórios leva-se um determinado período de tempo que é variável de acordo com a necessidade de cada paciente.



Figura 1: Sessão de equoterapia no paciente que possui autismo.



Figura 2: Sessão de equoterapia no paciente com paralisia cerebral.

Em outro caso cuja a restrição era física por conta de uma paralisia cerebral que veio a acometer o paciente quando ele tinha poucos meses de vida, o tratamento pode ajudar em relação ao fortalecimento dos tonos musculares, equilíbrio, ao desenvolvimento da estrutura óssea. Havia um tratamento específico com uma acompanhante junto ao paciente no cavalo, aonde ela alternava as posições do paciente durante a sessão com o intuito de tratar todas as áreas do corpo.

A raça escolhida foi um mangalarga, devido seu trote ser mais leve e menos impactante ao solo e ser uma raça mais dócil, o solo escolhido foi o de areia por ser mais suave pois o paciente necessita de menos impacto devido a suas restrições, apesar da preferência de raça ser o quarto de milha, de acordo com a terapeuta ocupacional do local, o critério mais relevante não é a raça do cavalo, mas sim o temperamento e como o cavalo vai responder ao treinamento e a adaptação aos pacientes.

CONCLUSÃO

Considerando a entrevista realizada foi possível notar que o cavalo ajuda com sua passada tridimensional no tratamento especificamente para quem tem problemas de locomoção, como no caso de pessoas que possuem paralisia cerebral.

Em casos de depressão, transtorno bipolar e dependência química a afetividade do cavalo é importante para a evolução emocional desses pacientes. Através deste trabalho foi possível notar que a colaboração da população é de suma importância. Sendo assim, a população pode contribuir com doações financeiras

ou até mesmo apadrinhado determinado paciente.

REFERÊNCIAS

- ANDE. ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA. Disponível em http://equoterapia.org.br/articles/index/articles_list/138/81/0. Granja do Torto Lago Norte, Brasília-DF, 2011
- AQUINO, F. J. M. Avaliação dos padrões de marcha e postura corporal dos praticantes de equoterapia com paralisia cerebral. 2007
- BROOM, D.M; FRASER, A.F. Comportamento e Bem-estar De Animais Domésticos 4ª Edição. Barueri, São Paulo, 2010
- CHELINI, M. O. M; OTTA. E. Terapia Assistida Por Animais: Barueri, São Paulo, 2016.
- OLIVEIRA, H. Q; FUMIS, N. L. F; MOURA, V. A, D. Relatos de experiência: as intervenções terapêuticas da equoterapia com deficiência, Universidade Federal De Alagoas, 2015.

LEVANTAMENTO REALIZADO PELOS ACADÊMICOS DA FAMA SOBRE UTILIZAÇÃO DE ANTICONCEPCIONAIS EM FÊMEAS NÃO CASTRADAS

SILVA, Mirlainy Valéria Ferreira Da¹, AMORIM, Ana Brígida Ribeiro¹, ABREU, Matheus Rodrigues de¹, SANTOS, Magno Otacílio David Ferreira¹, ARAUJO, Taisa Faria¹, FERREIRA, Kamilla Dias²

⁽¹⁾ Estudantes de Medicina Veterinária, FAMA, Anápolis, GO, Brasil

⁽²⁾ Docente, Departamento de Medicina Veterinária, FAMA, Anápolis, GO, Brasil

Palavras – Chave: Fármacos, saúde, vacinação.

INTRODUÇÃO

A castração cirúrgica em fêmeas é o método mais eficaz e seguro para impedir a reprodução (NEVES et al., 2003). Porém os fármacos como anticoncepcionais, são largamente utilizados (SILVA et al., 2012). Principalmente, pelo fato de serem vendidos sem nenhum tipo de restrição médica veterinária, baixo custo e pelos proprietários desconhecerem os efeitos colaterais que causam nos animais de companhia (ACKERMANN et al., 2011).

Os anticoncepcionais são hormônios sintéticos ou naturais que possuem ação prolongada, podendo ser administrado de forma oral ou injetável nos animais (FIGUEIRA et al., 2008). São mais utilizados em felinos e caninos, para interromper o cio e gestação. São fármacos que não possuem uma garantia de eficácia e que podem provocar grandes riscos à saúde do animal (OLIVEIRA et al., 2006).

Objetivou-se com esse trabalho fazer o levantamento da quantidade de fêmeas não castradas com administração de anticoncepcionais.

MATERIAL E METODOS

Foi feito um levantamento de dados pelos acadêmicos do curso de Medicina Veterinária da Faculdade Metropolitana de Anápolis –GO, da quantidade de cadelas e gatas não castradas, com administração de anticoncepcionais durante a campanha de vacinação anti-rábica no ano de 2018.

Estes dados foram anotados através de um plano de questionamentos, contabilizados e repassados para planilhas.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Dos animais atendidos durante a pesquisa, 85.47% eram da espécie canina e 11.11% era da espécie felina, sendo 40% machos e 56% fêmeas. Do total de animais avaliados nesse estudo 17 animais eram castrados e 79 não castrados. Em função da quantidade de animais castrados e não castrados pode-se questionar

sobre os que utilizaram os fármacos anticoncepcionais como demonstrado no Gráfico 1.



Gráfico 1. Porcentagem de animais que utilizaram fármacos anticoncepcionais.
Fonte: Arquivo Pessoal.

Segundo (MACIEL et al., 2019), é uma situação bastante preocupante, pois as respostas relacionadas ao conhecimento dos tutores aos efeitos colaterais. Isso decorre, principalmente, quando utilizamos fármacos anticoncepcionais como controle reprodutivo está relacionada com o baixo custo e ação eficiente do produto. Já que existe uma maior preocupação com o risco cirúrgico e recuperação do animal, além dos custos elevados, optando por tratamentos menos onerosos de controle reprodutivo.

CONCLUSÃO

Conclui-se que, através deste levantamento sejam tomadas medidas que envolvam a saúde dos animais, além da conscientização sobre o uso dos anticoncepcionais, tendo em vista, os riscos que muitas vezes são irreparáveis, devido ao surgimento de hiperplasias e neoplasias mamárias, além de infecções uterinas, debilitando a saúde dos animais.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACKERMANN, C. L.; TREVISOL, E.; LOPES, M. D. Uso de agonistas do GnRH na contracepção de felinos – revisão da literatura. **Veterinária e Zootecnia**, v. 18, n. 2, p. 187-196, 2011.
- FIGUEIRA, K. D.; REIS, P. F. C. C.; PAULA, V. V. Hiperplasia mamária felina: sucesso terapêutico com o uso do agleprestone. **Ciência Animal Brasileira**, v. 9, n. 4, p. 1010 – 1016, 2008.
- MACIEL, L. M.; OLIVEIRA, M. S.; SUNADA, N. S. Esclarecimento da população de dourados MS sobre o uso indiscriminado de anticoncepcionais como agente causador de hiperplasia mamária. **Veterinária e Zootecnia**, v. 26, p. 001 – 008, 2019.
- NEVES, M. M.; MARQUES JÚNIOR, A. P.; OLIVEIRA, E. C. S. Endocrinologia reprodutiva e controle da fertilidade da cadela – revisão. **Archives of Veterinary Science**, v. 8, n.1, p. 1-12, 2003.
- OLIVEIRA, E. C.S.; MARQUES JÚNIOR, A. P. Endocrinologia reprodutiva e controle da fertilidade da cadela. **Revista Brasileira de Reprodução Animal**, v. 30, n. 1/2, p. 11-18, 2008.
- SILVA, A. C.; SILVA, C. E. S.; PELUSO, E. M.; TUDURY, E. A. Esterilização em gatas mediante salpingectomia parcial (incluindo prenhes) versus ovariosalpingohisterectomia. **Ciência Rural**, v. 42, n. 3, p. 507-513, 2012.

LIPOMA EM CÃES – RELATO DE CASO

PIRES, Marina Valeriano¹, FREITA, Lorrane Silva Ribeiro de¹, OLIVEIRA, Larissa Silva de¹, OLIVEIRA, Luciana Naves Fonseca¹, PIVETA, Lidiana Candida².

Palavras-chave: Adipócitos, CAAF, Fatores Hormonais.

INTRODUÇÃO

Lipoma é um tumor benigno formado pelo acúmulo de células de gordura. Eles são de textura geralmente macia, bem circunscritos (embora não necessariamente bem encapsulados), flutuantes, e algumas vezes multilobulados. Ficam localizados no tecido subcutâneo dos cães, podendo ser variáveis em tamanho e forma, normalmente não estão aderidos e podem acometer qualquer parte do corpo. Todas as raças podem ser afetadas sendo mais frequente em animais idosos e fêmeas, e facilmente diagnosticados em cães obesos (Birchard & Sherding, 2008, Gschwendtner, 2015).

A etiologia da maioria dos tumores cutâneos é desconhecida, porém sabe-se que alguns agentes biológicos e externos exercem um papel importante no desenvolvimento de tais neoplasias, sendo os mais comuns a predisposição genética, fatores hormonais, radiação ultravioleta do tipo B, viroses, imunossupressão, lesões crônicas (pós-vacinais, térmicas), carcinogênese química, lesões cutâneas atróficas, exposição à radiação, fornecimento de dieta caseira, dentre outros (Slatter, 2007, Daleck *et al.*, 2008, Gschwendtner, 2015).

Os lipomas com características infiltrativas, embora benignos, são mais difíceis de serem removidos, exigindo um número maior de excisões. Estes tumores se localizam com maior frequência sobre o tórax, esterno, abdômen e membros proximais dos cães (Silva *et al.*, 2017). O objetivo deste trabalho foi relatar o caso clínico de uma cadela diagnosticada com lipoma.

RELATO DE CASO

A paciente foi atendida no Laboratório Interdisciplinar de Práticas Médicas da Medicina Veterinária (LIPMMV), Goiânia, Goiás, uma cadela da raça Teckel, 4 anos de idade, pesando 9.800kg, porte pequeno, castrada. Esta apresentava dois nódulos no

corpo, o primeiro localizado no membro torácico direito, e o segundo na região abdominal, mesogástrica, direita, com aspecto macio, com aproximadamente 1X1cm, e histórico de aparecimento e evolução em um ano, com crescimento lento e progressivo.

No exame físico, o estado consciência, comportamento, postura e locomoção normais. A paciente não apresentava alterações clínicas, os parâmetros vitais normais, frequência cardíaca 124bpm, frequência respiratória 64mrm, escore corporal 6 (costelas difícil de palpar sob camada moderada de gordura, base da causa – depósito de gordura, vista lateral – sem contorno abdominal, vista do dorso – superfície dorsal mais longa na cintura). Mucosas normocoradas, linfonodos palpáveis sem alterações de tamanho, consistência e sensibilidade. Palpação abdominal sem alterações em todos os quadrantes abdominais (epigástrico, mesogástrico e hipogástrico). A paciente apresentava pele e anexos sem alterações clínicas e não foram visualizados ectoparasitas.

O diagnóstico foi realizado pela inspeção e palpação e citologia aspirativa por agulha fina (CAAF), da massa durante o exame físico do animal. Foi solicitado a realização de exames hematológicos, bioquímicos, exames de imagens.

A realização da CAAF é rápida, de baixo custo e indolor, e o resultado imediato pela avaliação ao microscópio. A amostra foi depositada na lâmina corada técnica de Hematoxilina e eosina (HE), foi verificada a presença de células arredondas, com características de adipócitos.

Foi recomendado acompanhamento das nodulações, com indicação de retirada cirúrgicas das lesões e histopatológico.

DISCUSSÃO

Macroscopicamente, os lipomas são vistos como massas solitárias, bem circunscritas, redondas, ovóides ou discoides, como descrito na paciente. A localização é subcutânea, são indolores, comumente encontrado em pacientes fêmeas com histórico de sobrepeso e obesidade, situação condizentes com a relata (Birchard & Sherding 2008).

O diagnóstico de lipoma é feito pela resenha, anamnese e exame físico do paciente, juntamente, com o resultado da CAAF (Citologia Aspirativa por Agulha Fina). Microscopicamente o lipoma apresentou predomínio de células esféricas, com inclusão de lipídeos em seu citoplasma, com deslocamento do núcleo e das organelas para a periferia celular, denominadas adipócitos, como descrito na literatura (Junqueira & Carneiro 2013).

A recomendação do tratamento de lipomas pequenos, bem delimitados e de crescimento lento, é acompanhamento constante a fim de avaliar o seu crescimento e evolução, como recomendado no relato. Caso não haja nenhuma alteração significativa no aspecto das lesões, o tratamento cirúrgico não é necessário. O tratamento cirúrgico, por meio da excisão tumoral é um tratamento de eleição para situações estéticas ou para tumores de crescimento acelerado (Birchard & Sherding, 2008).

CONCLUSÃO

Lipomas tendem a crescer e assim se expandir pelo tecido do animal, podendo causar dor e desconforto, principalmente em relação ao dono. Feito o exame aspirativo, como resultado só foi observado adipocitos sem nenhuma característica de malignidade. Entretanto, foi aconselhado pela veterinária um acompanhamento observando o crescimento do lipoma, caso contrário terá de ser feito uma nova aspiração do tecido e ser avaliado se há necessidade de remoção cirúrgica por conta da sua evolução no decorrer do tempo.

REFERÊNCIAS

- FONSECA-ALANIZ, Miriam Helena et al. **Adipose tissue as na endocrine organ: from theory to practice**. *Jornal de Pediatria*, v.83, n.5. 2007.
- BIRCHARD, S. J. & SHERDING, R. G. 2008. **Manual Saunders: clínica de pequenos animais**, São Paulo.
- DALECK, C. R., DE NARDI, A. B., RODIGHIERI, S. M. & MOTTA, F. R. 2008. **Neoplasia do sistema urinário**. Roca, São Paulo.
- JUNQUEIRA L.C., CARNEIRO, J. **Histologia básica I** - 12. ed. - Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.
- GSCHWENDTNER, G. 2015. **Relatório de estágio e revisão bibliográfica relacionando lipoma e obesidade em cães**.
- WILKINSON, G. T. & HARVEY, R. G. **Atlas colorido de dermatologia dos pequenos animais: guia para diagnóstico**. 2. Ed. São Paulo : Manole, 1996. 304 p.

NEONATOLOGIA EQUINA

COUTINHO, Karen Gabrielle Alves¹; NUNES, Kimbely Ketly Alves¹; LÔBO, Larissa Carvalho¹; VIEIRA, Yohanna Karolaine¹; AMARAL, Marisa Costa²

¹Acadêmicos do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Goiás – Uni-ANHANGUERA.

²Profa. M.a do Centro Universitário de Goiás – Uni-ANHANGUERA.

Palavras-chave: Gestação. Nascimento. Neonatos. Potros.

RESUMO

A gestação equina dura em média de 320 a 360 dias. Entretanto, situações de estresse, enfermidades,

transporte inadequado e medicamentos administrados de forma errada são variáveis que podem afetar a saúde da égua e o bem-estar do feto, acarretando consequências ao potro. O nascimento de potros é o momento mais esperados entre o mundo da Equideocultura, porém também é um momento crucial de cuidados e atenção a esses neonatos, a fim que cresçam fortes e saudáveis ao longo de suas vidas.

Diante de tais nascimentos, é indispensável um tratamento diferenciado com os potros, certificando os sinais vitais, cuidados com o cordão umbilical e se existem problemas na amamentação. Objetiva-se com essa pesquisa, apresentar o manejo utilizado para reduzir a taxa de mortalidade de neonatos equinos.

INTRODUÇÃO

Os primeiros minutos após o nascimento são cruciais para o desenvolvimento do neonato, pois trata-se da adaptação com o meio externo. Entretanto, quando não há os devidos cuidados o índice de mortalidade aumenta na fase inicial após o nascimento dos neonatos, no primeiro ou segundo dia de vida, sendo a causa das mortes hipotermia, hipoglicemia e anomalia relacionada a distorcia que impede ou dificulta o parto (PRESTES, 2006).

Conforme assegura Radostitis (2002), após a gestação o potro que antes se encontrava em uma condição cômoda dentro do útero, está sujeito a encarar as dificuldades no que diz respeito a alteração da temperatura, perigo com predadores e conseguir uma autonomia alimentar, portanto, vale ressaltar que os cuidados para com eles devem partir ainda no ventre, promovendo uma qualidade de vida e prevenindo contra possíveis patologias.

Porém, quando não há atenção e cuidados mais da metade das mortes dos neonatos ocorre no primeiro ou no segundo dia de vida. Essas mortes são geralmente causadas por distúrbios não infecciosos, como hipotermia, hipoglicemia e anormalidades relacionadas a distorcia, com alta incidência de mortalidade do recém-nascido (PRESTES, 2006).

Após o nascimento, o potro passa de um ambiente extremamente favorável dentro do útero materno, para um ambiente hostil, com predadores, variações de temperatura e onde há a necessidade de adquirir independência alimentar. Os cuidados com os potros devem começar ainda no ventre, principalmente no terço final da gestação, tornando-se de fundamental importância na prevenção de patologias futuras (RADOSTITS et al., 2002).

A mortalidade nos recém-nascidos equinos está se tornando algo comum, o intuito dessa pesquisa é apresentar o manejo utilizado para reduzir a taxa de mortalidade de neonatos em equinos.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada na Cavalaria da Polícia Militar do Estado de Goiás, localizada no Setor Goiânia Dois, na cidade de Goiânia, Goiás. Para realização da mesma, foi feita uma entrevista com o médico veterinário responsável na Cavalaria da Polícia Militar, procurando saber os métodos utilizados por ele.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando encerra o ciclo de atividades, montar ou qualquer outra atividade que requer esforço do animal, ele é direcionado a piquetes, com isso ela recebe um cuidado nutricional balanceado, pois passam a dividir nutrientes com seu potro, com bastante sal mineral, feno e água sempre à vontade. Os primeiros 45 a 60 dias são mais sensíveis ao animal, pois ela requer um momento de descanso absoluto, sem estresse, sem mudanças de ração e sem atividades que irá exigir do animal.

Devido as éguas entrarem em trabalho de parto na maioria das vezes durante a noite, fica desfavorável o

acompanhamento do mesmo. Porém, durante a madrugada tende a ser mais calma ajudando na proteção do potro, para que não haja nenhuma perturbação durante seu nascimento. Entretanto, para garantir que este momento do nascimento do potro, é interessante e necessário, que haja manejo com égua, que a deixe em uma situação e ambiente confortáveis, evitando estresse, e que também haja o acompanhamento de um Médico Veterinário para avaliar os sinais vitais do potro.

A partir do nascimento do potro deve se iniciar um acompanhamento neonato. A ausência de ingestão do colostro, ou proteínas necessárias ao neonato, pode causar má formação óssea, baixa imunidade, dentro de uma série de má formação, pois é através do colostro que os anticorpos são passados ao neonato.

É bom se fazer o acompanhamento após desmamar um potro, pois chega a sua fase final de formação aos seus 4/5 anos, durante esse processo ele tem todo um desenvolvimento. Quando ele recebe um acompanhamento contínuo e direto, ele consegue ter um melhor desenvolvimento. Nessa fase o melhor a se fazer é o controle nutricional adequado.

Potros, normalmente, nascem de agosto a março, respeitando a estação de monta de cada associação. A efetiva presença do Médico Veterinário é necessária caso tenha histórico de parto anterior problemático ou com risco para égua. Deve se ter atenção na expulsão de toda placenta em até 2h depois do parto. Qualquer pessoa está apta a fazer o curativo diário no umbigo do potro até que este esteja seco e caia, deve-se ter atenção também pra ver se ouve uma boa amamentação e se liberou mecônio.

Neonato órfão deve ter atenção e cuidados redobrados, pois ele vai precisar de total acompanhamento para o seu desenvolvimento, geralmente se conseguir uma mãe adotiva em Haras, é muito bom e ajudará muito no desenvolvimento do neonato, pois na glândula mamária que se encontra o colostro, e só fazendo a amamentação direta que irá conseguir todos os nutrientes e anticorpos necessários em seu período inicial de sua vida.

CONCLUSÕES

Sugere-se a partir dessa pesquisa, demonstrar o quão importante é o manejo de éguas prenhes garantindo nascimentos saudáveis dos potros e o acompanhamento durante e pós-parto pelo Médico Veterinário.

Tendo em vista os aspectos observados, é de suma importância também verificar os manejos adequados com os potros, a fim de que haja um bom relacionamento entre o potro e sua progenitora durante os primeiros 3 a 4 meses de vida, garantindo o desenvolvimento equestre e assim seja possível reduzir a taxa de mortalidade de neonatos equinos, ressaltando o bem-estar animal.

REFERÊNCIAS

HAFEZ,,B. **Reprodução Animal**. São Paulo: Manole, 2004.

PRESTES, N.C., LANDIM-ALVARENGA, F.C. **Obstetrícia veterinária**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

RADOSTITS O. M.; GAY C. C.; BLOOD, D. C.; et al. **Clinica veterinária: um tratado de doenças dos bovinos, ovinos, suínos, caprinos e equinos**. 9 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

SMITH, B.P. **Tratado de medicina veterinária interna de grandes animais**. São Paulo: Manole,1998.

APÊNDICE

1 O manejo adequado de éguas prenhes é fundamental para nascimentos sem complicações?

2 Após o nascimento, existe um tempo estipulado para fazer o acompanhamento de um neonato?

3 A ausência da ingestão do colostro traz quais riscos ao neonato?

4 É necessário um acompanhamento de potros após o desmame para avaliar seu desenvolvimento?

5 Com que frequência é solicitado para realizar/acompanhar os partos? Existe determinada época do ano que o número de nascimentos aumenta?

6 No caso de neonatos órfãos, a atenção e cuidados deverão ser redobrados? Por que?

OS BENEFÍCIOS DA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS (A/TAA) EM AMBIENTE HOSPITALAR

ROCHA, Liliane Gomes¹; SILVA, Stefany Diovana¹, SILVA, Warley Fernandes da¹; CANDIDA, Lidiana Piveta².

¹Acadêmicos do curso de Medicina Veterinária no Centro Universitário de Goiás Uni-ANHANGUERA. ²Professora M.^a do Centro Universitário de Goiás Uni-ANHANGUERA.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde humana. Espécie. Bem estar. Políticas públicas.

RESUMO

Os benefícios da terapia assistida por animais (A/TAA) tem como finalidade auxiliar no tratamento de diversas afecções como a depressão, câncer, mal de Alzheimer, autismo, na fisioterapia entre outras. Auxiliando também no sistema de neurotransmissores, promovendo a integração social, emocional e física do paciente. Existe uma equipe onde utiliza animais que são integrados como zooterapeutas, estes os quais há um acompanhamento do médico veterinário garantindo e atestando o seu estado sanitário, zelando, assim pelo bem estar do animal e do paciente, na TAA é uma intervenção dirigida e alternativa na qual há diversos profissionais da área de saúde devidamente habilitados, buscando resultados positivos ao tratamento. A prática vem crescendo nos últimos anos sendo abordada para diversas patologias as quais vem sendo comprovado através de pesquisas sobre a sua eficácia e sua importância para a melhora do paciente. Porém ainda existe resistência, barreiras administrativas, governamentais as quais dificulta assim a sua aplicabilidade.

INTRODUÇÃO

O convívio estava associado com a utilização dos animais na predação e também auxiliando nas tarefas, posteriormente devido ao a domesticação a relação se tornou em vínculo afetivo, havendo respectivamente interações e sentimentos.

Os benefícios da terapia assistida por animais têm como principal intuito a integração do animal ao meio hospitalar, auxiliando no processo e recuperação melhorando assim o quadro de saúde dos assistidos.

De acordo com pesquisas, nota se que não é muito adequado os pacientes receberem visitas constantes, pois o humanos possuem uma facilidade maior de transmitirem infecções principalmente para aqueles pacientes que são susceptíveis a infeções oportunistas e alergias constantes, sendo assim observaram também que os animais têm menos riscos de promover essas reações, quando devidamente imunizados e limpos. (DOTTI, 2005)

Vem se abrangendo cada vez mais no mundo toda a utilização da terapia intensiva por animais, se apresentando dentro de diversas universidades dentro dos estudos e pesquisas sobre o mesmo.

A TAA vem sendo utilizada como uma técnica de grande importância no enfrentamento de doenças e tratamentos que na maioria das vezes são muito invasivos, esse método vem proporcionando uma melhoria na qualidade dos atendimentos, atualmente oferecidos à população o direito de terem suas necessidades reconhecidas e assistidas por meio de um olhar mais humanizado. (FRAGATA, 2001)

Para Dotti (2005), no período da terapia o paciente vai produzir e liberar o hormônio responsável pelo bem-estar e relaxamento, a endorfina, acarretando a diminuição da pressão arterial e do nível de cortisol ao paciente. De acordo com Miotti; Antoni (2007), a TAA vem a lume como uma prática organizada com a responsabilidade de estabelecer a relação entre homem-animal, com o intuito de proporcionar a promoção da saúde física e mental do ser humano.

Diversas espécies de animais podem ser utilizadas na TAA, como cães, gatos, cavalos, golfinhos, tartarugas,

cavalos e até moluscos, uma vez que a escolha da espécie diz muito sobre o objetivo a quem se destina. (DOTTI,2014)

Os animais que integram a TAA, a um rígido controle sanitário, para que possam entrar em um ambiente hospitalar realizam avaliação, veterinária periódica e apresentam certificado de saúde; estar com o cartão de vacina atualizado, é necessário banho no mínimo 24h de antecedência, ter obtido avaliação, a aprovação e a autorização da comissão. Visto que os Hospitais possuem uma Comissão de Infecção Hospitalar responsável pelo controle, além claro a uma participação de diversos profissionais como enfermeiros, médicos, veterinários, adestradores.

Para o paciente participar da terapia analisa se o seu quadro clínico, a área hospitalar a qual se encontra a doença que o afeta para ver se enquadra ao programa e salientando também que existe não só profissionais da área de saúde mais também corpo docente dos hospitais juntamente com órgãos governamentais.

Relatar os benefícios da TAA, demonstrando assim a inserção do zoterapeuta na vida de pacientes analisando sua importância e melhora devido ao tratamento.

O objetivo desse estudo é apresentar os benefícios da Terapia Assistida por Animais (A/TAA).

REFERENCIAL TEÓRICO

A Terapia Assistida por Animais (TAA) exige que haja um acompanhamento de profissionais da área da saúde como fisioterapeutas, psicólogos e médicos dentre outros, que utilizam os animais como parte de um tratamento (ABREU et al., 2008).

Os hospitais que aderem ao projeto recebem treinamentos a todos aos profissionais envolvidos para que possam fazer uma análise comparativa sobre o mesmo, visando torná-lo efetivo.

Visto que os projetos da TAA abrangem não somente a área médica, mas englobam também diversas áreas utilizando sempre como foco principal o animal para um melhor desenvolvimento no terapêutico. Sendo um procedimento de forma mais natural é dirigida para a saúde física, mental e social podendo ser prosseguida em grupo ou até mesmo individual com todo um preparatório por trás avaliando os seus resultados da terapia.

Devido a estudos nota se que a terapia assistida por animais tem se tornado cada vez mais benéfica, juntamente com a importância do médico veterinário dentro do projeto, visando sempre o bem-estar do animal e obtendo uma melhora significativa dos pacientes nos devidos fins.

Segundo Machado (2008), "destaca que a TAA na promoção da saúde física ocorre por meio de três mecanismos básicos que inclui a diminuição da depressão, solidão e da ansiedade do indivíduo por meio dos efeitos que a terapia causa no sistema nervoso simpático. "

Dentro dos benefícios físicos é notado um grande desenvolvimento nas habilidades motoras, auxiliando assim a posição de equilíbrio, já nos mentais há um aperfeiçoamento na atenção dos devido pacientes, sendo assim, contribuindo dentro da interação verbal entre os membros do grupo, reduzindo então a ansiedade e solidão combatendo a depressão.

Partindo para as vantagens educacionais nota se um desenvolvimento no vocabulário, beneficiando nas memórias de longo e curto prazo, estimulando a vontade de se englobar em uma atividade de grupo motivando os pacientes. Seguindo para os fisiológicos podemos observar diversos fatores, tais como, prazer, antidepressivo e sensação de bem-estar, aumentando assim o vínculo social e confiança, portanto diminuirá o estresse.

O bem-estar do zoterapeutas é garantido pelo monitoramento veterinário, analisando não só seu estado

de saúde através de exames complementares, mais também seu comportamento, o ambiente em que vive, sua alimentação evitando se o estresse do animal uma vez que poderá acarretar no resultado da terapia obviamente seguindo as normas do CEUA.

Dentre todas as espécies o cão é o principal utilizado dentro do programa da TAA pelo simples fato de ter uma conexão maior com os pacientes e adestradores, além de tudo, há uma aceitação maior por parte das pessoas. Através de estudos foi observando que os animais podem ser tocados, proporcionando uma resposta mais eficaz para o tratamento resultando, assim em uma melhora mais rápida.

Visto que a presença do médico veterinário tem um papel na TAA, pois zela pelo bem estar animal, pela segurança, conhece o comportamento a socialização e a obediência, podendo assim se ater a futuras reações e avaliar qual se adequa a terapia, levando em conta a patogenia do paciente que irá receber, além de ter conhecimento na saúde pública.

Devido à importância da TAA para os paciente é necessário uma seleção rigorosa para zoterapeutas previamente capacitados, dessa forma amenizando o ambiente hospitalar, visando progressos no tratamento trabalhando então o emocional.

A utilização da técnica do TAA contribui para a diminuição de gastos públicos na saúde em decorrência de fatores como a prevenção de doenças com uma recuperação mais rápida da saúde dos pacientes, assim sendo, a necessidade do uso de medicamentos, de internações e de consultas ira cada vez mais diminuir, conseqüentemente minimizando também o fluxo que na maioria das vezes são bastante intensos nas unidades de saúde pública.

CONCLUSÕES

A TAA é muito importante para pacientes e familiares, uma vez que a sua interrupção gera problemas emocionais, interferindo assim no progresso e desenvolvimento do tratamento, visto que são nítidos seus benefício havendo, portanto uma melhor qualidade de vida dos pacientes durante a sua internação.

Uma vez que é notável seus benefícios mais pouco se comenta em meios de comunicação, sua abrangência, portanto necessita de profissionais qualificados dispostos a integrar o projeto juntamente com auxílio governamental e disponibilização de verbas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, C. C. **Atividade assistida por animais no Lar Augusto Silva**. Lavras/MG: UFLA, 2008. Disponível em: <<http://www.proec.ufla.br/conex/ivconex/arquivos/trabalhos/a114.pdf>> Acessado em 05 de novembro de 2019.
- BARROS, C. de T. **Possibilidades de utilização da terapia assistida por animais (TAA) na Terapia Ocupacional**. Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. Belo Horizonte, 2008.
- DOTTI, J. **Terapia e animais**. 1ª ed. São Paulo: Noética, 2005.
- FRAGATA, F. **Animais ajudam na recuperação**. São Paulo: Época. p. 33, 10 set. 2001.
- GARCIA, M.P.; BOTOMÉ, S.P. Da domesticação à terapia: o uso de animais para fins terapêuticos. **Interação em Psicologia**, v.12, n.1, p.165-167, 2008.
- GONÇALVES, J.O, GOMES, F.G.C. Animais que curam: a terapia assistida por animais **Revista UNINGÁ Review**. Vol.29, n.1, pp.204-210, dez,2016
- FERREIRA, AP.S.GOMES, J.B. Levantamento histórico da terapia assistida por animais, **Revista Multidisciplinar Pey Këyo Científico**.
- MACHADO, J.A.C. Terapia assistida por animais (TAA). **Revista Científica**. Ele. Med. Vet, São Paulo, ano 6, n. 10, p. 1-10, jan., 2008.
- MIOTTI U, ANTONI C. **Terapia assistida por animais (TAA): alternativa terapêutica no contexto comunitário**. In: HUTZ, C. S. (org) **Prevenção e intervenção em situações de risco e vulnerabilidade**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007

PALPAÇÃO MAMÁRIA NO DIAGNÓSTICO DE NÓDULOS MAMÁRIOS EM CADELA: RELATO DE CASO

FREITAS, Lorrane Silva Ribeiro de¹, OLIVEIRA, Larissa Silva de¹, OLIVEIRA, Luciana Naves Fonseca¹, PIRES, Marina Valeriano¹, PIVETA, Lidiana Candida².

⁽¹⁾ Estudante de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Goiás - Uni-ANHANGUERA;

⁽²⁾ Docente Doutora do Centro Universitário de Goiás - Uni-ANHANGUERA;

Palavras-chave: Nódulos mamários, Palpação, Prevenção.

INTRODUÇÃO

Na medicina veterinária alguns casos se assemelham a medicina, no que refere as neoplasias mamárias ou câncer de mama. Esta afecção apresenta altas taxas de incidências em humanos e em cães, representando metade dos casos de tumores totais em cadelas recorrentes nos consultórios veterinários (Pinto,2009). A neoplasia mamária em ambas as espécies tem diversas etiologias, como fatores hormonais, genéticos, nutricionais e a faixa etária (Fernandes, 2017).

Nagata *et. al* (2014) relataram que a busca de inovação tecnológica e ferramentas de combate e prevenção ao câncer na veterinária, é espelhada na realidade da medicina. Observa-se a incrementação de profissionais qualificados na área da oncologia, para o desenvolvimento de serviços de sanidade, diagnóstico, tratamento e principalmente na prevenção e controle precoce de neoplasmas mamários. A prevenção mais eficaz aos nódulos, tanto benignos quanto malignos, é o procedimento de ovariossalpingohisterectomia (OSH) e o exame físico de palpação é uma ferramenta importante e rápida para a detecção precoce desses nódulos (Cirillo 2008).

O exame físico permite determinar a localização, quantidade, consistência, volume dos nódulos e deformações das mamas. Através do dimensionamento do volume nodular é possível estabelecer o estadiamento clínico da paciente, concomitante com a avaliação e palpação do tamanho dos linfonodos regionais, que drenam a região torácica, abdominal e inguinal, como os axilares, inguinais e mamários, dessa forma auxilia no diagnóstico no estabelecimento do prognóstico (Feliciano *et.al*, 2012). Tabela 1

O objetivo deste trabalho foi enfatizar a importância da realização do exame físico de palpação pelos médicos veterinários e pelos tutores em seus cães, para a identificação e prevenção de possíveis nódulos mamários.

Tabela 1- Estadiamento clínico do paciente com nódulos mamários da Organização Mundial da Saúde.

Estágio OMS	Sobrevida média (meses)	Descrição
I	29	T<1cm, sem N
II	12,5	T< 1cm, com N ou T=1-3cm ± N
III	9	T = 3cm ou T<3cm + N fixo
IV	1	Qq T ou N com M

Adaptado: Moore & Ogilvie 2001.

RELATO DE CASO

Uma cadela não castrada, com seis anos de idade, pesando seis quilos e sem raça definida (SRD), foi atendida no Laboratório de Habilidades Médicas Veterinárias e Técnicas Operatórias (LHMVTO) do Centro Universitário de Goiás- Uni-ANHANGUERA, em janeiro de 2019. No exame clínico geral na etapa de palpação, houve a detecção de nódulos na região esquerda, ambos com dimensões aproximadas de 0,3 cm, presentes na glândula mamária abdominal cranial (M3) e na glândula mamária inguinal (M5). Este

animal não apresentava lesões cutâneas e nem secreções lácteas e os linfonodos mamários e inguinais estavam normoreativos.

Durante a consulta no LHMTVO à cadela apresentava comportamento, postura e parâmetros vitais normais, assim foi encaminhado ao tutor um pedido de radiografia torácica, ultrassonografia abdominal e indicado a realização do procedimento OSH. No mês de outubro de 2019, a paciente retornou ao consultório e não recebeu nenhum tratamento terapêutico proposto. No exame físico foi constatado o aumento de tamanho dos nódulos mamários, e novamente o proprietário foi instruído da importância da castração e retirada dos nódulos mamários.

DISCUSSÃO

De acordo com Ribas (2012) e Pinto (2009), há um maior índice de cadelas não castradas acometidas por neoplasias mamárias do que aquelas castradas anteriormente ao primeiro cio, para que diminua a possibilidade da associação do câncer com distúrbios hormonais. Relataram também, maior incidência de tumores mamários em cadelas SRD, como relatado no presente caso, e em fêmeas das raças Dachund e Poodle.

Verificamos na descrição da localização dos nódulos da paciente algumas semelhanças com a descrição de Andrade (2017), que descreve o comum surgimento de nódulos múltiplos, encontrados nas diversas glândulas mamárias, com percentual de 50 a 70% dos casos confirmados. E que na maioria dos casos há identificação destes nódulos malignos na glândula inguinal, e não se tem confirmação da preferência razão dessa localização, sendo atribuída a maior quantidade de receptores hormonais ou a grande vascularização linfática na região.

O exame físico como um fator de prognóstico para a mensuração do tamanho do nódulo com diâmetro igual ou menor a 2 cm, como encontrado na paciente, estão associados a uma melhor evolução diante de um tratamento. E que nódulos benignos encontrados precocemente terão uma menor probabilidade de evoluírem ao estágio de malignidade (Fragata, 2016).

Para Ambrosini (2015), o tutor tem a responsabilidade de prover um tempo necessário de convívio com o seu cão. Podendo assegurar a qualidade de vida e bem-estar do animal com a utilização da ferramenta "autoexame" na prevenção das neoplasias, transformando em uma aliada de rotina. E que tutores de baixa renda e escolaridade não encaminham seus animais periodicamente a consultas veterinárias, o que aumenta a relação tempo de evolução e volume dos nódulos com prognóstico e tratamento desfavoráveis (Toríbio *et al.*, 2012).

CONCLUSÃO

O exame físico de palpação das glândulas mamárias é essencial para diagnóstico e prognóstico do animal. A precocidade na detecção dos nódulos mamários diminui as chances de metástase e aumenta a taxa de sobre vida. Portanto, se faz necessário o uso desta prática tanto para os tutores que convivem com seus cães quanto para os médicos veterinários, qualificados para estas situações.

REFERÊNCIAS BOBLOGRAFICAS

- ANDRADE, A.B. **Neoplasias mamárias em cadelas: estudo epidemiológico e expressão de her-2 em carcinomas**. Tese (Doutorado em Medicina Veterinária) -Universidade Federal De Uberlândia Faculdade de Medicina Veterinária. Uberlândia. 2017.
- AMBROSINI, M.F. **Análise dos perfis de condutas dos tutores de cães domiciliados**. Trabalho de conclusão de curso- Universidade Federal de Santa Catarina Centro de Ciências Agrárias Curso de Zootecnia. Florianópolis. 2015.
- CIRILLO, J. V. **Tratamento quimioterápico das neoplasias mamárias em cadelas e gatas**. Rev. Inst. Ciênc. Saúde. 2008.

- FELICIANO, M. A. R. **Neoplasia mamária em cadelas – revisão de literatura**. Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária. Ano IX – Número 18. janeiro de 2012.
- FERNANDES, A. M. C. F. **Neoplasias da glândula mamária das cadelas e das gatas: revisão bibliográfica com descrição de seis casos clínicos**. Dissertação (obtenção do Grau de Mestre em Medicina Veterinária). Universidade Lusófona De Humanidades E Tecnologias. Lisboa. 2017.
- NAGATA, W.B. *et al.* **Perfil epidemiológico da neoplasia mamária canina em Araçatuba: uma abordagem estatística**. Revista da Estatística UFOP, Vol. III (3), 2014.
- RIBAS, C.R. *et al.* **Alterações clínicas relevantes em cadelas com neoplasias mamárias estadiadas**. Archives of Veterinary Sciencev.17, n.1, p.60-68, 2012.
- TORÍBIO, J. M. M. L. *et al.* **Caracterização clínica, diagnóstico histopatológico e distribuição geográfica das neoplasias mamárias em cadelas de Salvador, Bahia**. Rev. Ceres, Viçosa, v. 59, n.4, julho/agosto, 2012.
- PINTO, R. M. M. O. **Neoplasias mamárias em cadelas e gatas**. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Técnica de Lisboa - Faculdade de Medicina Veterinária. Lisboa. 2009.
- MOORE, A.S.; OGILVIE, G.K. **Skin tumors**. In: OGILVIE, G.K.; MOORE, A.S. **Feline oncology. USA: Veterinary learning systems**, 2001. Chap.50, p.398-428.

PERCEPÇÃO AMBIENTAL DA RELAÇÃO ENTRE HOMENS E OS POMBOS (*Columba livia*)

RODRIGUES, Julia Moreira¹; SOUSA, Juliana Silva¹; FARIA, Lara Fernanda Oliveira¹; BARBOSA, Rebeca Prestes¹; AMARAL, Marisa Costa²

¹Acadêmicas do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Goiás – Uni-ANHANGUERA.

² Profa. M.^a do Centro Universitário de Goiás – Uni-ANHANGUERA.

PALAVRAS-CHAVE: Transmissão. Contaminação. Controle. Zoonoses.

RESUMO

O *Columba livia* - o Pombo doméstico - chegou ao Brasil por volta do século XVI, trazido da Europa, do norte da África, do Oriente Médio e da Ásia. Esta espécie pode transmitir várias zoonoses ao homem, a saber: *Clamidiose*, *Criptococose*, *Histoplasmose* e *Salmonell*, todas de importância médico veterinária. Este quadro demonstra a importância do seu estudo, sendo o objetivo principal deste trabalho averiguar a percepção ambiental que a comunidade interna do Centro Universitário de Goiás - Uni-ANHANGUERA tem sobre a relação do pombo com o ser humano. Para o levantamento de dados foi realizado e aplicado um questionário destinado a discentes, docentes e funcionários que frequentam a área de alimentação do Centro Universitário de Goiás Uni-ANHANGUERA. Com base nisso, entendeu-se que muitos da instituição são contra a presença desses animais na praça de alimentação, e outros não sabiam que os pombos transmitem doenças ou não compreendiam as doenças transmissíveis por eles. Soma-se como fator relevante abstraído da análise dos resultados: a indiferença e o desconhecimento por parte dos entrevistados em relação à presença dos pombos nos ambientes utilizados pelo homem, não sabendo opinar sobre a problemática proposta, em que lado ficar deixando clara a falta de compreensão por parte da população. Neste contexto de desconhecimento, as zoonoses tendem a proliferar, mas é possível controlar essa espécie sem a necessidade de matá-los, preservando assim seu direito a vida.

INTRODUÇÃO

O pombo é nativo da Europa, norte da África e Oriente Médio. Trazido para o Brasil por imigrantes no século XVI, sua espécie habita no ambiente urbano devido aos alimentos e arquitetura das cidades, desde então sua população vem aumentando e trazendo riscos a saúde pública até os dias atuais (LABANHARE, 2007).

Sendo uma ave reservatória de microrganismos e patógenos, o *Columba livia* pode transmitir diversas

doenças. Uma delas é a *Salmonella spp.* O agente patogênico *Salmonella* é uma bactéria que não possui um hospedeiro específico. Pode ser transmitida da ave para o embrião, por contaminação do ovo em seu desenvolvimento, contato com aves doentes, na água se tiver o agente, roedores e moscas. O patógeno penetra no organismo por via respiratória, cloacal e umbilical. Os sinais clínicos nas aves são sonolência, diarreia, dificuldade na respiração e asas caídas. No pombo doméstico ela pode ser transmitida através das fezes e pela ingestão de ovos. "Há muitos registros de *Salmonella* em pombos, mas pouco se fala da sua contaminação nos humanos" (SILVA, 2014, p. 192).

Esta ave também pode transmitir Clamidiose pelo agente *Chlamydophila psittaci*, bactéria intracelular obrigatória, que resiste por bastante tempo em macrófagos, e é liberada em condições de estresse pelo hospedeiro que elimina a bactéria a partir de secreções nasais orofaríngeas e cloacais. São esses os sinais clínicos que o hospedeiro apresenta: anorexia, descargas nasais e diarreias. O pombo pode ser curado, mas continua liberando o agente por alguns meses (LEAL, 2015).

A histoplasmose, causada pelo *Histoplasma capsulatum*, é uma micose que se desenvolve em fezes de aves, ou seja, lugares que tem muitos pombos são propícios ao aparecimento e multiplicação do fungo, além de que essas fezes podem ser levadas a outros lugares através das patas desses animais. A obtenção dessa doença acontece através da inalação, e é considerada uma zoonose. Essa mazela é considerada grave, sendo que atinge órgãos vitais (COURA, 2008).

Uma doença bastante parecida com a anterior é a criptococose, talvez a mais conhecida até então, causada pelo *Cryptococcus neoformans* ela também é uma micose que se propaga através das fezes das aves e é acometida por inalação. A grande diferença é que a criptococose é uma imunossupressão, sendo mais grave que a outra pode levar o infectado ao óbito. Para muitos os pombos podem parecer fofos e inofensivos, mas a verdade é que não fazem ideia do perigo que é tê-los por perto (COURA, 2008).

O objetivo deste estudo é averiguar a percepção ambiental que a comunidade interna do Centro Universitário de Goiás - Uni-ANHANGUERA tem sobre a relação do pombo com o ser humano.

MATERIAL E MÉTODOS

Área de Estudo

A pesquisa ocorreu no Centro Universitário de Goiás Uni-ANHANGUERA, localizado na Avenida João Cândido de Oliveira, 115 Cidade Jardim – Goiânia/GO.

Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada a partir de um questionário aplicado para a comunidade interna, composta por funcionários, discentes e docentes da Instituição, que frequentam a área de alimentação. O levantamento de dados ocorreu apenas em um dia, considerando o horário de almoço.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos resultados obtidos no questionário aplicado, foi constatado que a maioria das pessoas é indiferente ou considera péssima sua relação com o pombo. Os entrevistados em sua maior parte acreditam que os pombos podem trazer prejuízos as edificações do Uni – ANHANGUERA, além disso, é importante destacar que 45% da população interna sentem desconforto com sua presença e 55% não se sente desconfortável. Outro fator relevante é que 65% dessas pessoas não vêem problema em alimentá-los.

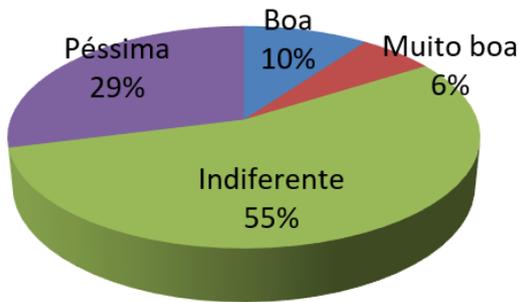


Figura 01. Relação com os pombos

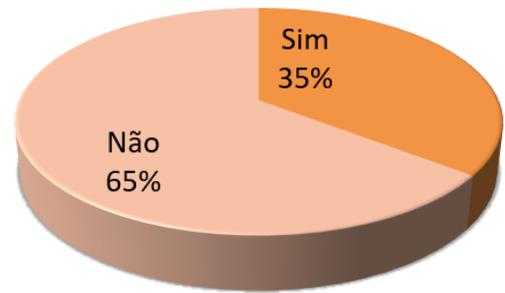


Figura 02. Sobre ser correto matar pombos ou não

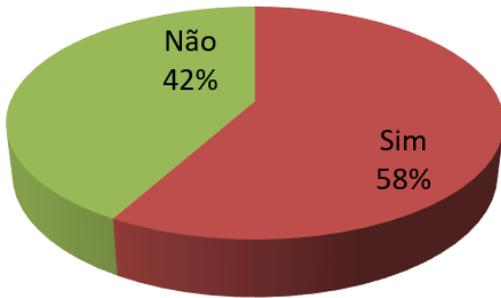


Figura 03. Se os pombos trazem prejuízo as edificações

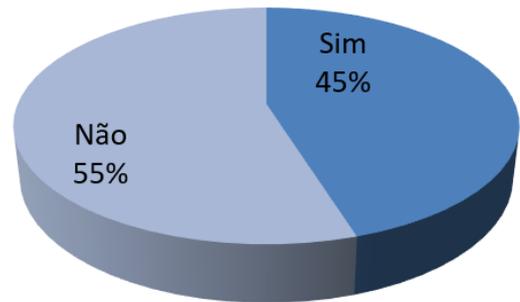


Figura 04. A presença do pombo trás desconforto ou não para as pessoas

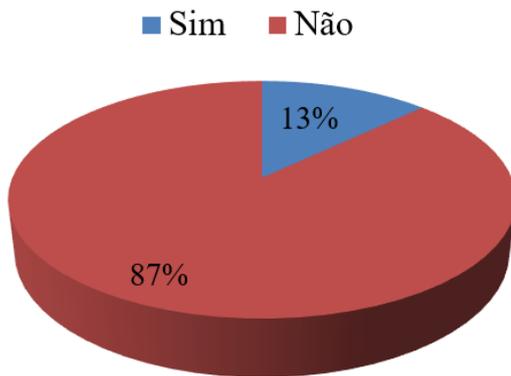


Figura 05. É correto ou não matar pombos



Figura 06. Pessoas que conhecem doenças relacionadas ao *Columba livia*

■ Aves que transmitem doenças
 ■ Praga

■ Aves que não transmitem doenças
 ■ Ave qualquer

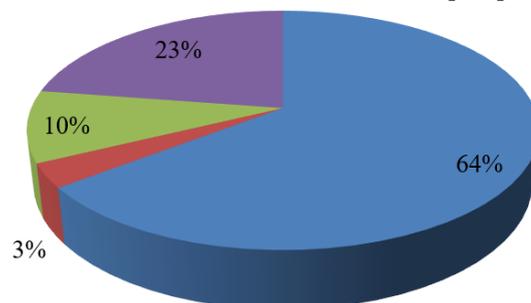


Figura 07. O que os pombos são

Por conseguinte, a questão sobre ser correto ou não matar pombos, comprovou-se que uma significativa parcela da população é contra esse ato.

Sobre a classificação do que eles são, pôde ser observado que grande parte dos pesquisados tem a noção de que pombos são aves transmissoras de doenças.

Apesar da fama negativa que essas aves dispõem, apenas 64% sabe que elas transmitem doenças, deixando

claro que uma parcela significativa não faz ideia do que são.

CONCLUSÃO

Foi possível concluir que o pombo além de transmitir doenças, acarreta desconforto para muitas pessoas. Porém, apesar de muitos paradigmas eles não são considerados uma praga, portanto não podem ser mortos pelo simples fato de muitos temerem sua presença, mas devem ser controlados de maneira correta, como por exemplo, contratar uma empresa especializada. Além disso, alguns dos entrevistados acreditam que é correto alimentar pombos, deixando restos de comida sobre as mesas, contudo essas atitudes são a porta de entrada para as zoonoses de interesse médico veterinário.

REFERÊNCIAS

- COURA, J. R. **Síntese das Doenças Infecciosas e Parasitárias**. Rio de Janeiro. 2008.
- FELIPE, C. R. de P. (org.) **Manual de Elaboração de Trabalhos de Conclusão de Curso: projetos de pesquisa, monografias e artigos científicos**. Goiânia: Centro Universitário de Goiás – Uni-ANHANGUERA, 2019.
- LABANHARE, L. L.; PERRELLI, M. A. S. **Pombos urbanos: Biologia, ecologia e métodos de controle populacional**. Mato Grosso do Sul. 2007.
- LEAL, D. C.; NEGRÃO, V. B.; SANTOS, F.; RASO, T. F.; BARROUIN, S. M.; FRANKE, C. R. **Ocorrência de Chlamydomyces psittaci em pombos (Columba livia)**. Bahia. 2015.
- MARTINS, C. M.; BIONDO, A. W.; BRAGA, K. F.; OLIVEIRA S. T. **Percepção de usuários de espaços públicos de Curitiba Paraná, sobre a presença de pombos**, 2015.
- MINISTERIO DA SAÚDE. **Doenças Infecciosas e parasitárias**. Brasília. 2010.
- RIBEIRO, C. L. **Criptococose e pombos urbanos (Columbia Livia): uma reflexão social, ambiental e de políticas publicas**, 2018.
- SILVA, R. C.; MACIEL, W. C.; TEIXEIRA, R. S.; SALLES, R. P. **O pombo (Columba livia) como agente carreador de Salmonella spp e as implicações em saúde pública**. São Paulo. 2014.

PERCEPÇÃO DE ALUNOS DE ENSINO MÉDIO SOBRE FATORES RELACIONADOS ÀS DOENÇAS ZOONÓTICAS PEIXOTO, Alessandra Catherine¹; NASCIMENTO, Isabella Marques¹; GARCÊS, Lucas Alves¹; FERREIRA, Lorena Lopes²; PEREIRA-JUNIOR, Ronaldo Alves³

¹Estudante de Graduação Centro Universitário de Goiás – Uni-ANHANGUERA.

²Docente da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. ³Docente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Goiás Uni-ANHANGUERA.

Palavras-chave: Educação social. Saúde Única. Zoonoses.

INTRODUÇÃO

Cidadania consiste na junção de direitos e deveres e exercê-la é ter consciência de que eles sejam realizados. O curso de Medicina Veterinária é multidisciplinar, e com isso o médico veterinário está apto a atuar na saúde pública, no ensino técnico e superior, na pesquisa, na extensão rural e na preservação ambiental e ecológica (BRASIL, 1968, 1990). Em 2011 o Médico Veterinário foi incluído no Núcleo de Apoio a Saúde da Família (NASF), e sua atividade na saúde pública está regulamentada na Lei 8.080/1990 e na Lei 5.517/1968 que o qualifica para desempenhar funções generalistas a respeito da saúde animal, saúde humana e saúde ambiental, ou seja, a saúde única (GIBBS, 2014).

Apesar das competências do Médico Veterinário, pouco é difundido sobre a atuação dele nas vigilâncias em saúde, epidemiológica e ambiental. É desejável, como exercício da cidadania, que o profissional seja reconhecido e possa contribuir para que a população tenha acesso a saúde; desenvolvendo atividades relacionadas à prevenção, proteção e promoção da saúde humana relacionados aos riscos de transmissão

de zoonoses (BRASIL, 2016). Embora atualmente o acesso à informação tenha sido facilitado pela constante modernização dos meios de comunicação e redes sociais, muitas informações são superficiais ou erroneamente difundidas quando o tema são zoonoses (LANGONI et al., 2015).

Quando se pensa em educação ambiental, as ações geralmente são baseadas em temas relacionadas apenas com o ambiente, como reciclagem e preservação. No entanto, temas como doenças de caráter zoonótico geralmente não costumam caminhar junto com esse assunto (ECCKER et al., 2017; SANTOS et al., 2017). Com base nisso, este trabalho tem como objetivo avaliar a percepção da sociedade sobre a importância da presença do médico veterinário na prevenção e controle das zoonoses, bem como o conhecimento de doenças de caráter zoonótico.

MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho foi desenvolvido em duas escolas de ensino médio (uma privada e uma estadual) da região metropolitana de Goiânia/GO escolhidas aleatoriamente. Um questionário foi aplicado a 62 alunos do Colégio Anhanguera - CA (Goiânia/GO) e 70 alunos do Colégio Estadual João Carneiro dos Santos - CEJCS (Senador Canedo/GO), totalizando 132 estudantes do 2º ano do ensino médio. O presente trabalho teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Uni-Anhanguera (CEP – Parecer 3.479.072). Os questionários aplicados geraram informações sobre os animais mais frequentes nas residências e zonas limítrofes, grau de inter-relação dos estudantes com estes animais, o perfil de conhecimento da comunidade sobre as principais zoonoses transmitidas por mamíferos e aves, que coabitam os estudantes participantes da pesquisa.

Os dados foram tabulados e analisados por análise descritiva, utilizando-se o software Excel® 365 (Microsoft).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As zoonoses, doenças transmitidas dos animais para o homem e que podem ser causadas por artrópodes, helmintos, vírus, bactérias, fungos e protozoários, englobam mais de 250 doenças (WHO, 1975; SCHWABE, 1984). Outrossim, existem muitas outras doenças expressivas de caráter zoonótico, como é o caso do complexo teníase-cisticercose, larva *migrans* visceral e cutânea, febre maculosa, toxoplasmose e salmonelose (BRASIL, 2009).

A ocorrência das zoonoses está intimamente relacionada à educação sanitária de uma determinada população. Dos alunos que responderam ao questionário aplicado, 98% apresentam faixa etária entre 15 e 18 anos, sendo que no CEJCS 69% dos alunos possuem cães e 37% relataram a presença de gatos em casa. Já no CA, 73% relataram que cães frequentam o interior de suas casas, enquanto 21% possuem gatos. Quando perguntados da liberdade desses animais em suas casas, a maioria relatou que os animais dormem no tapete (47% para CEJCS e 53% para CA) e pulam sobre o sofá (33% para CEJCS e 45% para CA). Hoje, a domesticação dos animais está cada vez maior e com isso, a liberdade que este animal ganha dentro de casa pode se tornar uma grande disseminadora de doenças (NETO; COELHO, 2016).

Quando perguntados sobre cuidados com os animais domésticos, os alunos do CEJCS responderam que dão banho uma vez por semana (47%), tratam contra carrapatos com banhos (44%) ou comprimidos (37%), de modo que a vacinação estava presente em menos de 30% das respostas. Já entre os alunos do CA, o banho semanal apareceu em terceiro lugar (42%), sendo as respostas mais frequentes a vacinação antirrábica (95%) ou com vacina polivalente (53%). Tal fato está relacionado, provavelmente, com a diferença de condições socioeconômicas, uma vez que as vacinas, principalmente as polivalentes,

apresentam um custo elevado.

A questão mais preocupante, contudo, foi o conhecimento dos alunos sobre zoonoses. Entre os alunos do CEJCS, 66% responderam que nunca ouviram falar sobre zoonoses e 23% concordaram com a afirmação de que "Zoonoses são doenças que acometem apenas pessoas pobres", enquanto no CA 48% alegaram não conhecer zoonoses e 32% concordaram com a afirmação. O médico veterinário como profissional da saúde pode ser capaz de incentivar e esclarecer de práticas de saneamento básico, higiene pessoal e alimentar, de atuar na prevenção de zoonoses para melhorar a qualidade de vida da população, levando mais conhecimento do tema a estudantes e população geral (PFUETZENREITER et al., 2004).

CONCLUSÃO

De acordo com os dados apresentados, observou-se que a maioria dos estudantes não conhecem o conceito de zoonoses e que há uma discrepância entre a escola estadual e a particular, indicando claramente a necessidade de inserção de conhecimento sobre o tema no conteúdo curricular das escolas brasileiras. Estes dados ainda reforçam a importância de programas de extensão universitária, que de certa forma suprem o déficit do ensino médio curricular.

REFERÊNCIA

- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil, 1988**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. **Lei nº 5.517, de 23 de outubro de 1968**. Dispõe sobre o exercício da profissão de médico veterinário e cria os Conselhos Federal e Regionais de Medicina Veterinária. Brasília: Casa Civil, 1968.
- BRASIL. **Manual de vigilância, prevenção e controle de zoonoses normas técnicas e operacionais**, 2016. Brasília Ministério da Saúde, 2016.
- ECCKER, F. M.; CHAFFE, A. B. P.; CHALÁ, C. S. A.; PINTO, F. R.; MADRID, I. M. Avaliação do conhecimento sobre zoonoses em professores e alunos da rede municipal de ensino fundamental do município de Pelotas, estado do Rio Grande do Sul, Brasil – resultados preliminares. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 15, n. 3, p. 71-72, 1 mar. 2017.
- GIBBS, E. P. J. **The evolution of One Health: a decade of progress and challenges for the future**. *Veterinary Record*, v. 174, p. 85-91, 2004
- LANGONI, H. A.; JOAQUIM, S. F.; BATISTA, T. G. S.; SARTORI, R. A.; CASTILHO JÚNIOR, L. C.; ROLIM, L. S.; LATOSINSKI, G. S.; BARROSA, N. C. SANTOS, J. R. **Educação em saúde nas escolas: o papel do médico veterinário no controle das zoonoses**. 8º Congresso de extensão universitária da UNESP, p. 1-4, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/142571>>.
- NETO, G.; COELHO, A. C. Importância do médico veterinário no conhecimento dos proprietários de pequenos animais sobre zoonoses numa perspectiva da "One Health" em Portugal. **REDVET - Revista Electrónica de Veterinária**, v. 17, n. 7, p. 1-13, 2016.
- PFUETZENREITER, M. R., ZYLBERSZTAJN, AVILA-PIRES, F. D. Evolução histórica da medicina veterinária preventiva e saúde pública. **Ciência Rural**, Santa Maria, v.34, n.5, p.1661-1668, set-out, 2004.
- SANTOS, C. P.; ALMEIDA, R.; ZANELLA, A.; CAPITANIO, L.; CANTO, J. I.; ALVES, L. P. Conhecimento sobre zoonoses em uma amostra dos professores do ensino fundamental do município de Passo Fundo, estado do Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 15, n. 1, p. 94-94, 1 jan. 2017.
- SCHWABE, C. W. **Veterinary medicine and human health**. 3.ed. Baltimore: Williams & Wilkins, p. 680. 1984.

QUESTIONAMENTO PARA OBTENÇÃO DE DADOS SOBRE A QUANTIDADE DE ANIMAIS CASTRADOS E NÃO CASTRADOS NA CIDADE DE ANÁPOLIS-GO.

SANTOS, Magno Otacílio David Ferreira¹, AMORIM, Ana Brígida Ribeiro¹, SILVA, Mirlainy Valéria Ferreira Da¹,
ABREU, Matheus Rodrigues de¹, ARAUJO, Taisa Faria¹, FERREIRA, Kamilla Dias²

⁽¹⁾ Estudantes de Medicina Veterinária, FAMA, Anápolis, GO, Brasil

⁽²⁾ Docente, Departamento de Medicina Veterinária, FAMA, Anápolis, GO, Brasil

Palavras - chave: castração, orquiectomia, ovariectomia.

INTRODUÇÃO

A castração pode ser definida como um método cirúrgico que consiste na remoção dos órgãos reprodutivos de machos e fêmeas. Nos machos chamamos de orquiectomia e nas fêmeas de ovariectomia (MACHADO et al., 2014).

Atualmente, existem diversas opções disponíveis para o controle e prevenção da atividade reprodutiva nas espécies felinas e caninas. Para fêmeas, existem métodos temporários e reversíveis como fármacos contraceptivos que previne e adia o estro, provocando diversos efeitos colaterais com o uso desses medicamentos como aumento de apetite, peso, letargia, modificação da pelagem, alteração uterina e aumento da glândula mamária (ENGLAND, 1998).

Objetivou-se com esse trabalho fazer um questionário sobre a quantidade de animais castrados e não castrados de modo a explicar os benefícios da castração cirúrgica e malefícios dos métodos medicamentosos.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este questionamento foi realizado pelos acadêmicos do curso de Medicina Veterinária da Faculdade Metropolitana de Anápolis-GO. Onde foi elaborado questionários aos tutores sobre animais castrados e não castrados, durante a campanha de vacinação anti-rábica no ano de 2018.

Estes dados foram transferidos para planilhas e foram contabilizados um total de 96 animais, sendo subdivididos em 83 cães e 13 gatos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No estudo realizado pela Faculdade Metropolitana de Anápolis foram coletados dados de 83 cães e 13 gatos, desses animais 40.47% eram machos e 55.53% eram fêmeas, 14.53% estavam castrados e 81.44% não estavam castrados (Gráfico 1).

Segundo EGENVALL et al., (2002) somente 52% acreditam que a castração previne câncer de mama nas fêmeas. No entanto, animais fêmeas que foram submetidas a castração cirúrgica antes da puberdade apresentam um risco de apenas 0,5% de desenvolverem neoplasias mamárias em comparação com animais intactos.

A indicação primária de uma castração limita a reprodução, previne e trata doenças como tumores que são influenciados por hormônios reprodutivos, resolução de distocias e comportamentos anormais (OLIVEIRA, 2018).

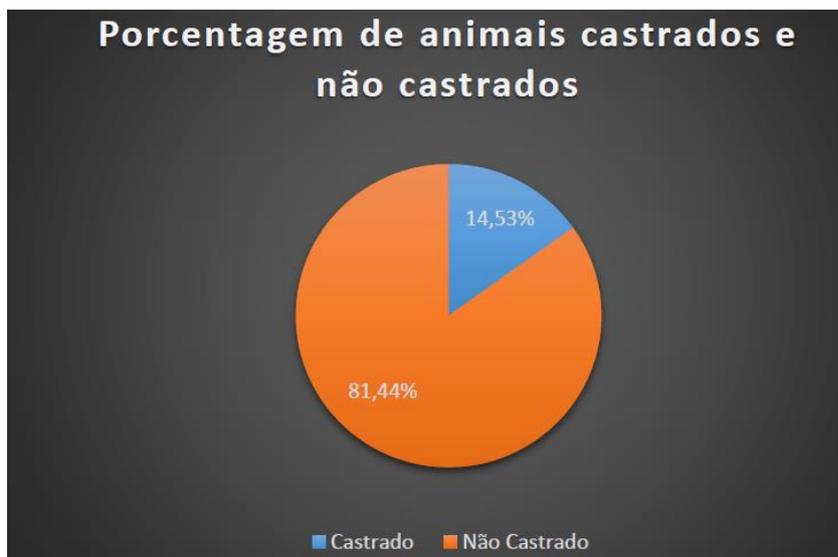


Gráfico 1. Porcentagem de animais castrados e não castrados da pesquisa realizada.

Fonte: Arquivo Pessoal

CONCLUSÃO

Conclui-se que a castração traz vários benefícios aos animais como diminuição de tumores pelo excesso de hormônios reprodutivos produzidos, o animal torna-se menos agressivo, diminui a marcação de território, aumenta as chances de adoção, controle da superpopulação, além de evitar em fêmeas a gravidez indesejada, pseudociese e neoplasias de mama.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

EGENVALL A, BONNET P, OHAGEN P. "Incidence of and survival after mammary tumors in a population of over 80,000 insured female dogs in Sweden from 1995 to 2002." *Preventive veterinary Medicine* 69, 2002.

MACHADO, J.C.; PAIXÃO, R. L. A representação do gato doméstico em diferentes com textos socioculturais e as conexões com a ética animal. *Revista Interthesis*, p. 231-253. 2014.

OLIVEIRA, A.L.A. *Técnicas cirúrgicas em pequenos animais*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2018.

"SHUNT" - DESVIO PORTOSSISTÊMICO EM CÃO SRD: RELATO DE CASO

OLIVEIRA, Luciana Naves Fonseca de¹, OLIVEIRA, Larissa Silva¹, FREITA, Lorrane Silva Ribeiro¹, PIRES, Marina Valeriano¹, SANTOS, Jandra Pacheco² PIVETA Lidiana Candida²

¹ Estudante de Medicina Veterinária do Centro Universitário - Uni Anhanguera.

² Docente do Centro Universitário – Uni Anhanguera.

Palavras-chaves: Fígado, Desvio hepático, Circulação sistêmica.

INTRODUÇÃO

O fígado é um grande leito sinusóide servido pelos sistemas arteriais e venoso hepáticos e venoso portal, e o seu correto funcionamento depende da integridade dessa circulação. A presença de desvios nessa circulação é chamada de desvio portossistêmico, anomalia que permite acesso do sangue portal à circulação sistêmica, sem que ocorra sua biotransformação no fígado. Esses distúrbios circulatórios podem ser congênitos ou adquiridos. A faixa etária dos cães acometidos é de 2 meses a 10 anos, com a apresentação da maioria dos casos em animais com até um ano de idade, não havendo predisposição sexual (Watson e Bunch, 2015).

Os sinais clínicos mais comuns estão associados com alterações do sistema nervoso central e trato urinário.

A encefalopatia hepática pode cursar com manifestações como andar em círculos, apatia, convulsões, cansaço, estupor e até coma. O "shunt" portossistêmico reduz a conversão de ácido úrico em alantoína e de amônia em ureia, resultando na hiperuremia e hiperamonemia. A urina fica saturada de ácido úrico (hiperuricosúria), predispondo à formação de cristais de urato de amônio. Os pacientes com essa afecção apresentam cristalúria intermitente e cálculos de urato (Santos *et al* 2014).

Para se obter um diagnóstico definitivo devemos realizar a somatória de exames físicos, laboratoriais e os exames de imagens como ultrassonografia e radiografia contrastada (Bichard e Scherding, 2003). O controle para esta afecção pode ser realizado com dieta hipoproteica, porém o procedimento cirúrgico é o mais recomendado (Santos *et al* 2014).

RELATO DE CASO

Foi encaminhado para atendimento veterinário um cão S.R.D, macho, pequeno porte, encontrado na rua e adotado há uma semana, com idade estimada de um ano de idade. O tutor queixava-se que o animal, logo após se alimentar, apresentava sinais neurológicos, como perda do nível de consciência, desorientação, locomoção em círculo pela casa, e em alguns momentos realizava *head pressing* (compreensão da cabeça sobre a parede).

Proprietário relatou que durante a alimentação ficava parado, com a cabeça baixa, parecia ficar tonto e às vezes desequilibrava-se e caía sobre a vasilha de ração. Relatou também que o animal havia apresentado vômitos. No exame clínico geral o animal estava magro, os parâmetros vitais estavam normais e na avaliação tegumentar observou-se pelos opacos. Não foram identificadas outras alterações clínicas. Foram solicitados inicialmente exames hematológicos, bioquímicos (creatinina e ALT) e urinálise. Posteriormente, foi solicitado também ultrassonografia abdominal com efeito doppler.

O diagnóstico de desvio portossistêmico foi baseado no histórico, exame clínico e nas alterações laboratoriais da urinálise (Figura 1), juntamente com a visualização de microhepatia e comunicação dos vasos anômalos pelo exame ultrassonográfico da topografia hepática. No hemograma não foram evidenciadas anormalidades no eritrograma, leucograma e contagem de plaquetas. Nas bioquímicas, foi observado aumento de atividade, em relação ao valor de referência (VR), na ALT: 81 (VR: 4 -66 U/L). Não foi observada alteração na creatinina: 0,5 (VR: 0,5 -1,5).

O proprietário foi informado das possibilidades de tratamento, podendo ser médico conservador, com dieta apropriada e tratamento médico sintomático por toda a vida, ou realização de cirurgia para oclusão do vaso anômalo, para restaurar o fluxo sanguíneo portal normal. Foi feita a opção pelo tratamento conservador, e feita a prescrição de ração terapêutica Hepatic (Royal Canin®) em pequenas quantidades várias vezes ao dia e lactulose (0,5 mL/Kg, via oral, a cada 12 horas). Foi ressaltado a necessidade de acompanhamento veterinário regular para realização de exame clínico e laboratorial. O paciente apresentou melhora significativa do quadro clínico, e após quinze dias já não apresentava sinais de encefalopatia hepática.

Tabela 1- Representação dos resultados de urinálise do paciente diagnosticado com "Shunt" Portossistêmico.

Exame Físico	
Volume	3ml
Cor	Amarelo Escuro
Odor	Sui Generis
Aspecto	Turvo

Densidade		1038
Ph	6,5	
<hr/>		
Exame Químico		
<hr/>		
Proteína	+	
Glicose	Negativo	
Corpos Cetônicos	Negativo	
Sangue Oculto	+++	
Bilirrubina	++	
Urobilinogênio	Normal	
<hr/>		
Sedimento Urinário		
<hr/>		
Células transicionais	Raras p/c	
Leucócitos	Raros p/c	
Hemácias	15 p/c	
Microbiota Bacteriana	Normal	
Cristais Biurato	"URATO DE AMÔNIO ++++"	

DISCUSSÃO

As anomalias do desvio portossistêmico resultam da redução do fluxo sanguíneo e da incapacidade do fígado em retirar substâncias tóxicas da circulação porta. Sua origem pode ser congênita ou adquirida (Watson e Bunch, 2015), e a maioria dos animais com a anomalia congênita começam a demonstrar sinais clínicos no primeiro ano de vida (Broome et al., 2004). No presente relato o paciente atendido era jovem, com idade aproximada de um ano, o que sugere que o *shunt* seja congênito.

Os sinais clínicos dessa anomalia são em decorrência principalmente da encefalopatia hepática, com manifestações que variam de desorientação a convulsões e coma. Podem ser observados também sinais gastrintestinais, como inapetência, vômito, diarreia e perversão do apetite. Dentre as alterações urinárias, pode haver poliúria ou polidipsia e cristalúria de urato de amônia (Tilley e Smith Júnior, 2003). O paciente do presente relato apresentou desorientação, andar em círculos e pressionava a cabeça contra paredes. Também foi informado na anamnese que os vômitos eram frequentes. Nos exames laboratoriais realizados, a presença de urato de amônia (++++) foi um achado importante.

Os quadros de encefalopatia hepática do cão atendido foram relacionados a ingestão de alimentos, evidenciando que as toxinas intestinais não estavam sendo corretamente absorvidas e metabolizadas pelo fígado. Devido a esse fato, essas substâncias tóxicas provavelmente acumularam-se na corrente sanguínea e resultaram em quadros de vômito e alteração da função do sistema nervoso central. A amônia, substância derivada do metabolismo da ureia, é uma importante toxina cerebral (Bichard e Scherding, 2003). Os cães acometidos por "shunt" têm concentrações plasmáticas anormais de amônia, e, como consequência, há passagem de cristais de urato de amônia para a urina (Zchary e McGavin, 2013), o que pode justificar a presença dessa substância na urina do paciente. O aumento da atividade da ALT foi um indicativo de morte ou lesão de hepatócitos.

O diagnóstico foi estabelecido pelo histórico do paciente, juntamente com alterações do exame de urina, ALT e as imagens ultrassonográficas. Vasos anômalos extra-hepáticos foram evidenciados e com o uso do Doppler de imagem de fluxo colorido, no qual foi identificado fluxo do sangue da veia porta para a veia cava caudal. Foi identificada também microhepatia, possivelmente resultante da perfusão hepática comprometida e ausência de fatores hepatotrópicos (Tilley e Smith Júnior, 2003).

O tratamento médico sintomático a longo prazo pode ser eficiente, dependendo da gravidade das lesões vasculares e dos sintomas, porém a deterioração hepática progride enquanto persistir o padrão vascular

anormal. Por essa razão, o tratamento de escolha é a correção cirúrgica do desvio portossistêmico (Watson e Bunch, 2015). Os tutores foram esclarecidos sobre os riscos e benefícios dos dois tipos de tratamento e optaram por não realizar a cirurgia. Foi prescrita dieta com restrição de proteína e também lactulose (0,5 mL/Kg, via oral, a cada 12 horas). O objetivo do tratamento é diminuir a produção de amônia no organismo. A lactulose reduz a concentração sanguínea de amônia aumentando a acidez do cólon, promovendo assim uma migração de amônia do sangue para o intestino, formando o íon amônio (NH₄⁺) que não sendo absorvido, é eliminado nas fezes (Lanna *et al* 2011). O paciente está, até o momento da descrição desse relato de caso, apresentando bom estado de saúde, sem sinais de encefalite hepática e sendo acompanhado regularmente por médicos veterinários.

CONCLUSÃO

De acordo como histórico do animal, que indicava uma encefalopatia hepática, a presença de cristais de urato de amônio na urinálise, e principalmente após a realização da ultrassonografia com Doppler, pode-se diagnosticar o desvio portossistêmico. Os dados da resenha e histórico clínico contribuem para o diagnóstico clínico, sendo de extrema importância a realização de exames complementares para o diagnóstico definitivo do desvio portossistêmico.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BICHARD, S.J.; SCHERDING, R.G. **Manual Saunders Clínica de Pequenos Animais**, 2. ed., São Paulo: Roca, 2003, p. 871-894.
- BROME C.J., WALSH V.P., BRADDOCK J.A. **Congenital portosystemic shunts in dogs and cats**. New Zealand Veterinary Journal. 2004; v.52 p.154-62
- LANNA, A. P. **Abordagem terapêutica na encefalopatia hepática**. Revista Médica de Minas Gerais, v. 21(4 Supl 6): S1-S143, 2011.
- SANTOS, R.O. et al. **Shunt portossistêmico em pequenos animais**. PUBVET, Londrina, v.8, Ed. 267, Art.1781, Setembro, 2014.
- TILLEY, L. P.; SMITH, F. W. K. Jr. **Consulta Veterinária em 5 minutos. Espécies canina e felina**, Barueri: Manole, 2003, p. 1210 – 1211
- WATSON, P. J; BUNCH, S.E 2015. **Doenças hepatobiliares no cão**. In R.W. Nelson & C. G. Couto (Eds), **Medicina Interna de Pequenos Animais**. Vol 1, pag. 556-557. Rio de Janeiro: Elsevier
- ZACHARY, J.F.; McGAVIN, M.D. **Bases da Patologia em Veterinária**. 5 ed, Rio de Janeiro: Elsevier, 2013. pag. 407-460.

APÊNDICE

Objetivo: O objetivo deste estudo é averiguar a percepção ambiental que a comunidade interna do Uni-ANHANGUERA tem sobre a relação do pombo com o ser humano.

- 1 Você é: () discente () docente () funcionário
- 2 Sua relação com os pombos pode ser considerada: () boa () muito boa () indiferente () péssima
- 3 O que você acha que os pombos são:
- 4 () Aves que transmitem doenças () Aves que não transmitem doenças
- 5 () Uma praga () Uma ave qualquer
- 6 Em sua opinião o pombo trás prejuízos às edificações? () Sim () Não
- 7 A presença do pombo te trás desconforto? () Sim () Não
- 8 Você acha correto alimentar pombos? () Sim () Não
- 9 Em sua opinião é correto o ser humano matar pombos? () Sim () Não
- 10 O que deve ser feito para evitar a permanência dos pombos em um determinado local? (Se necessário marque mais de uma alternativa).
- 11 () Exterminá-los
- 12 () Prender em gaiolas
- 13 () Contratar uma empresa especializada em controle de pombos
- 14 () Não deixar restos de alimentos
- 15 Você já se contaminou ou conhece alguém que teve alguma doença relacionada ao pombo?

() Sim () Não

16 Já ouviu falar sobre alguma doença transmitida pelo pombo?

() Sim () Não

17 Se a resposta da questão anterior foi sim, qual(is) conhece?

() Criptococose () Salmonella () Clamidiose () Histoplasmose

18 Você é a favor da permanência de pombos na área de alimentação da faculdade?

() Sim () Não () Talvez

USO DA INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL EM TEMPO FIXO NA BOVINOCULTURA DE LEITE

ARAUJO, Paulo Henrique Sobrinho de¹; GONDIM, Flavia Graciana dos Santos¹; SANTOS, Geovanna Rodrigues dos¹; OLIVEIRA, Walisson Santos de¹; AMARAL, Marisa Costa².

¹Alunos do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Goiás - Uni-ANHANGUERA.

²Professora orientadora M^a. do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Goiás - Uni-ANHANGUERA.

PALAVRAS-CHAVE: Manejo. Eficiência Reprodutiva. Sincronização de Cio. Hormonioterapia.

RESUMO

Os bovinos de leite apresentam baixo desempenho reprodutivo, tal fato é atribuído a ineficiência na identificação de cio, visto que 53% das fêmeas manifestam o estro no período noturno. Uma técnica que permite a eliminação da observação de cio e pode abranger uma grande quantidade de animais servidos é a Inseminação Artificial em Tempo Fixo (IATF). Desta forma, o objetivo do presente estudo foi demonstrar a taxa de gestação em bovinos de leite submetidos a IATF. Para esse experimento foram utilizadas 15 vacas holandesas de alta produção (produção de 25 ± kg dia, com 63 dias em lactação, escore de condição corporal 2,85 e 2 duas crias). Para sincronização do ciclo estral foi proposto o seguinte tratamento. D0 implante intravaginal impregnado com progesterona (Sincrogest) e 2ml de benzoato de estradiol (Sincrodiol). D8 retirada do implante, 1 mg de Cipionato de estradiol (Sincrocip) e 2ml de prostaglandina (Sincrocio) administrados por via intramuscular. D10 inseminação de todos os animais sincronizados 48 horas após a retirada do implante. O diagnóstico de gestação foi realizado aos 35 dias após a inseminação utilizando aparelho de ultrassom. A taxa de gestação foi de 33%, estando abaixo dos índices de referência encontrados na literatura, tal fato foi atribuído a alta metabolização hepática dos esteroides em animais de alta produção comprometendo a sincronização do estro.

INTRODUÇÃO

A bovinocultura de leite tem uma grande importância no âmbito econômico e social do país, contribuindo com uma parcela significativa do Produto Interno Bruto (PIB) de 69,4 bilhões de reais e uma produção de 35,1 bilhões de litros de leite. Mesmo com uma produção estimada de 35,1 bilhões de litros de leite no ano de 2017 os rebanhos nacionais apresentam baixa produtividade, com produção média estimada por lactação de 1,6 mil litros (CEPEA, 2017; IFCN 2018).

Segundo Lima et al. (2010), uma das razões para a baixa produtividade dos rebanhos leiteiros pode ser atribuída ao mau desempenho reprodutivo dos animais, que tem como consequência saldo negativo de gestação ao final da lactação, e por suposto o descarte involuntário de fêmeas.

Azevedo; Bezerra (2006), atribuem esse baixo desempenho reprodutivo a falhas na detecção de cio, visto que 53% das fêmeas bovinas entram em estro no período noturno, o que dificulta a identificação do estro. De acordo com Silva et al. (2007), a técnica que permite a exclusão da observação de cio e que pode abranger uma grande quantidade de fêmeas inseminadas, é a Inseminação Artificial em Tempo Fixo (IATF). Frente aos conhecimentos endócrinos envolvidos na fisiologia da reprodução animal, vários protocolos de

IATF foram desenvolvidos. Os princípios consideram a sincronização de uma nova onda de desenvolvimento folicular, indução da luteólise e indução da ovulação utilizando hormônios que mimetiza os hormônios endógenos do animal (SILVA et al., 2007).

O objetivo desse trabalho é demonstrar a taxa de gestação de vacas de aptidão leiteira submetidas a inseminação artificial em tempo fixo (IATF).

MATERIAL E MÉTODOS

O experimento foi conduzido na fazenda Bananal, localizada no município de Mairipotaba-Go a 80 km de Goiânia. Foram utilizadas 15 vacas holandesas de alta produção (produção de $25 \pm$ kg dia, com 63 dias em lactação, escore de condição corporal 2,85 – escala de 1 a 5 e 2 duas crias (FERGUSON et al., 1994).

As datas em que foram realizados os manejos do protocolo recebem a denominação de D0, D8 e D10, sendo o D0 o início do tratamento, e D10 o final do tratamento.

Em um dia aleatório do ciclo estral os animais receberam tratamento para sincronização do ciclo estral para a IATF. D0 implante intravaginal impregnado com progesterona (Sincrogest) e 2ml de benzoato de estradiol (Sincrodiol). D8 retirada do implante, 1 mg de Cipionato de estradiol (Sincrocip) e 2ml de prostaglandina (Sincrocio) administrados por via intramuscular. D10 inseminação de todos os animais sincronizados 48 horas após a retirada do implante.

Para inseminação dos animais foram utilizados: Aplicador universal, bairra descartável, pinça, cortador de palheta, papel toalha, descongelador de sêmen e botijão de sêmen. O diagnóstico de gestação foi realizado aos 35 dias após a inseminação utilizando aparelho de ultrassom (modelo AGROSCAN – linear 7,5 Mhz). A gestação foi confirmada pela presença da vesícula embrionária com embrião viável apresentando batimentos cardíacos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A taxa de gestação obtida nesse experimento foi de 33%, estando abaixo dos resultados encontrados na literatura. Segundo Rodrigues et al. (2008) em países que utilizam programas de IATF a taxa de gestação em rebanhos de aptidão leiteira é de 35%, sendo a performance reprodutiva dos animais influenciada pelo manejo sanitário do rebanho, manejo adequado dos animais, correta administração dos fármacos e nutrição de acordo com as exigências fisiológicas, os quais afetam direta ou indiretamente o sucesso dos programas de IATF.

Menores concentrações circulantes de progesterona e estradiol podem ter interferido na dinâmica folicular e no ambiente uterino, comprometendo o resultado apresentado. De acordo com (SEWALEM; KISTEMAKER, 2008) a criação de vacas de aptidão leiteira, teve como principal objetivo a seleção voltada para características produtivas e como consequência declínio na fertilidade.

É sugerido que o declínio no desempenho reprodutivo esteja relacionado com mudanças fisiológicas provocada pela alta produção de leite e ou o Balanço Energético Negativo (BEN). O que corrobora com (WILTBANK et al., 2006), o qual relata que em animais de alta produção elevadas taxas de metabolismo hepático dos esteroides reduzem as concentrações circulantes de progesterona e estradiol, como consequência, os índices de concepção ficam abaixo do esperado.

CONCLUSÃO

Portanto, o presente experimento apresentou resultado abaixo do esperado, considerando como ideal uma taxa de gestação de aproximadamente 50%. A constatação da relação inversa entre produção de leite

e a taxa de prenhez, torna-se necessária mais pesquisas relacionadas aos fármacos utilizados para sincronização de cio, bem como a manipulação destes esteroides em momentos estratégicos durante os programas de IATF em função do metabolismo hepático dos esteroides, os quais comprometem a eficiência da sincronização de cio.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, D. M. M. R.; BEZERRA, E.E. A. **Ciclo estral em fêmeas bovinas**. 2006. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br>. Acesso em: 04 de Set. 2019.
- CEPEA - CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA. **PIB Agronegócios de Cadeias 2017**. São Paulo. Disponível em: <<https://www.cepea.esalq.usp.br/br/pib-de-cadeias-agropecuarias.aspx>. Acesso em: 10 de Set. 2019.
- FERGUSON, J. O.; GALLIGAN, DT.; THOMSEN, N. Principal descriptors of body condition score in Holstein cows. **Journal of Dairy Science**, v. 77, p. 2695-2703, 1994. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/7814740>. Acesso em: 01 de Out. 2019.
- IFCN, the IFCN **Dairy Report 2018**. Disponível em: <<https://WWW.https://ifcndairy.org/ifcn-dairy-report-2018>>. Acesso em: 05 Set. 2019.
- LIMA, F. S.; DE VRIES, A.; RISCO, C. A.; SANTOS, J. E. P.; THATCHER, W. W. Economic comparison of natural service and timed artificial insemination breeding programs in dairy cattle. **Journal of Dairy Science**, v.93, p.4404-4413, 2010. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20723715>. Acesso em: 11 de Set. 2019.
- RODRIGUES, C. A.; TEIXEIRA, A. A.; SOUZA, A. H.; FERREIRA, R. M.; AYRES, H.; BARUSELLI, P. S. Fatores que influenciam o sucesso de programas de IATF em gado de leite. In: 3 SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE REPRODUÇÃO ANIMAL APLICADA, 2008, Londrina –PR. **Anais**. São Paulo: USP, 2008. p. 133-145. Disponível em: <https://siraa.com.br>. Acesso em 01 de Nov. 2019.
- SEWALEM, A.; KISTEMAKER, G. Including production in female fertility evaluations. **Interbull Bulletin**, n. 38. P. 44, 2008. Disponível em: <<https://www.journal.interbull.org/index.php/ib>. Acesso em: 28 de Out. 2019.
- SILVA, A. S.; SILVA, E. V. C.; NOGUEIRA, E.; ZÚCCARI, C. E. S. N. Avaliação do custo/benefício da inseminação artificial convencional e em tempo fixo de fêmeas bovinas pluríparas de corte. **Rev. Bras, Reprod, Anim.**, v.31, n.4, p.443-455, out./dez. 2007. Disponível em:<<https://www.cbra.org.br>. Acesso em: 11 de Set. 2019.
- WILTBANK, M. C.; LOPEZ, H.; SARTORI, R. Changes in reproductive physiology of lactating dairy cows due to elevated steroid metabolism. **Theriogenology**, v. 68, p. 17-29, 2006. Acesso: Disponível em:<<https://www.sciencedirect.com>. Acesso em: 29 de Out. 2019.